

MINISTÉRIO DA AGRICULTURA
DEPARTAMENTO NACIONAL DA PRODUÇÃO ANIMAL
DIVISÃO DE CAÇA E PESCA



A CAÇA E A PESCA NO PANTANAL
DE MATO GROSSO

Publicação revista e atualizada em 1957

POR

ALVARO AGUIRRE

Da Divisão de Caça e Pesca

1958

RIO DE JANEIRO

GR
639.2
A284ca

MINISTÉRIO DA AGRICULTURA
DEPARTAMENTO NACIONAL DA PRODUÇÃO ANIMAL
DIVISÃO DE CAÇA E PESCA



A CAÇA E A PESCA NO PANTANAL
DE MATO GROSSO

Publicação revista e atualizada em 1957

POR

ALVARO AGUIRRE

Da Divisão de Caça e Pesca

2242

1958
RIO DE JANEIRO

GR
639.2
A284ca

A CAÇA E A PESCA NO PANTANAL DE MATO GROSSO (*)

ALVARO AGUIRRE

Da Divisão de Caça e Pesca

SUMÁRIO

- I — Introdução.
- II — O Grande Pantanal.
- III — O Rio Piquiri.
- IV — Aspecto da caça.
- V — Notas biológicas e ecológicas.
- VI — Aspecto da pesca.
- VII — Fiscalização da caça, comércio de peles silvestres, estatística.
- VIII — Bibliografia.

I. INTRODUÇÃO

O Estado de Mato Grosso está localizado na parte central da América Meridional e possui uma superfície de 1.477.000 km² e uma população de 450.000 habitantes, segundo dados do último recenseamento.

A região que nos propusemos estudar sob o aspecto da caça e da pesca — O Grande Pantanal — abrange um décimo da área total do Estado, sendo irrigada por grandes rios, lagoas, “baías” e “corixos” povoada por inúmeras espécies da fauna terrestre e aquática, que vivem abrigadas por uma vegetação das mais variadas formações florísticas.

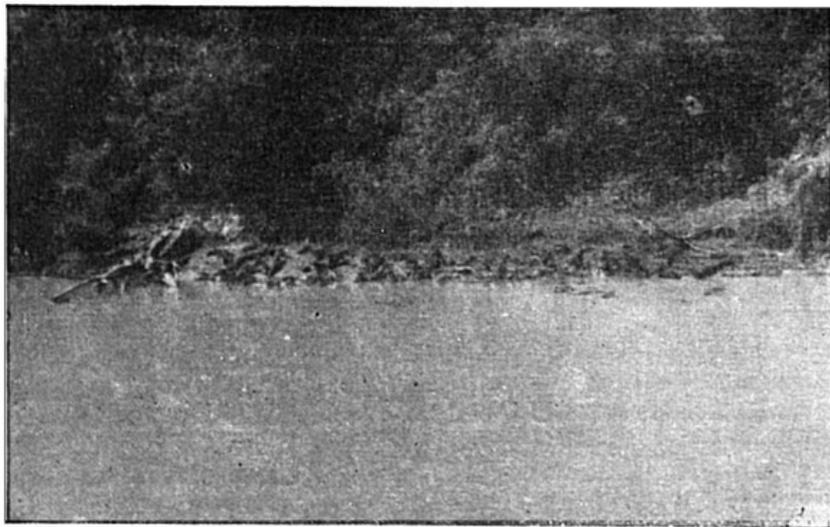
* Reedição melhorada e ampliada da publicação avulsa editada originalmente em 1945.

Rio de Janeiro, 1958.

Este imenso campo de estudo, ainda pouco devassado pela curiosidade dos cientistas, está incluído no Distrito Tropical da região Neotrópica, segundo a classificação contemporânea dos conjuntos faunísticos do nosso continente.

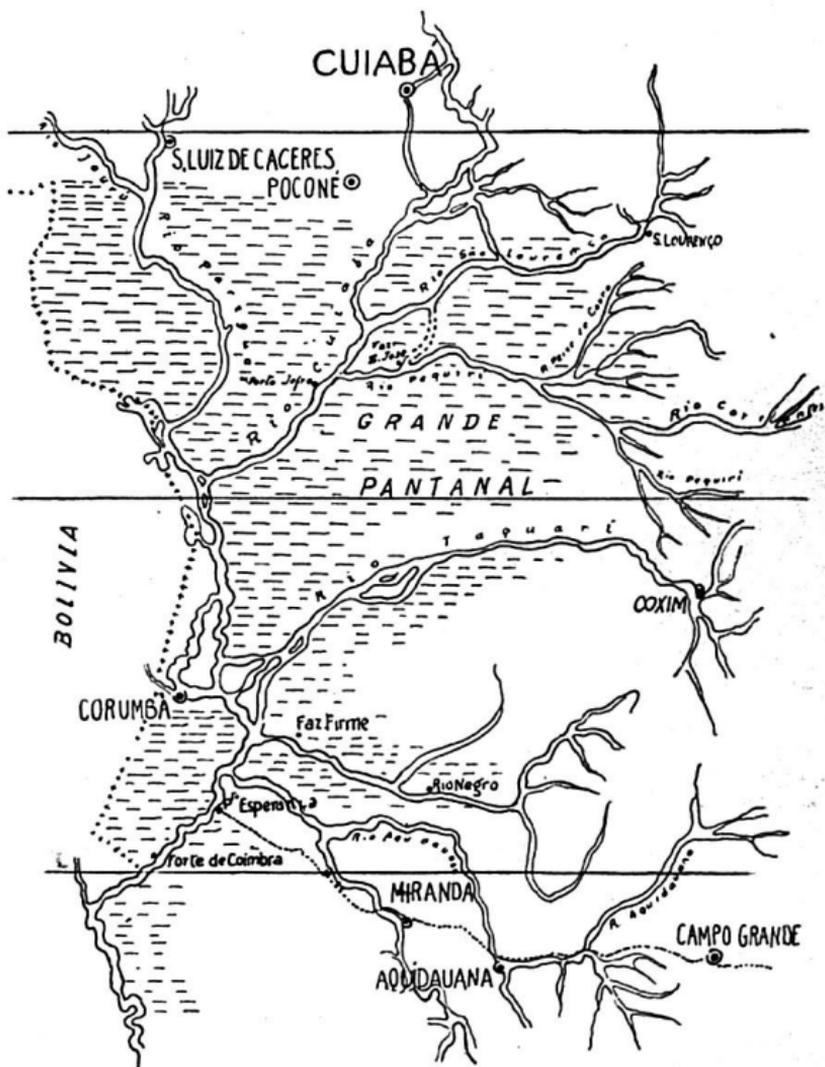
II. O GRANDE PANTANAL

A bacia do Rio Paraguai e seus afluentes que irrigam o Pantanal, ou sejam o Jauru, Piquiri, Taquari Negro, Miranda e Cuiabá, sendo este o mais importante tributário, formam uma imensa planura baixa, a qual compreende uma zona inundável na



FOTOGRAFIA N.º 1 — Jacarés em profusão num barranco do Rio Cuiabá.

parte oriental do principal rio, que, na latitude de Corumbá, é de cerca de 200 quilômetros de largura, estendendo-se de Porto Murtinho até Poconé e chegando até as proximades de Cuiabá e São Luiz de Cáceres. Essa vasta região, chamada Pantanal,



apresenta fisionomia completamente diversa em duas fases do ano. Na ocasião da sêca, os rios mantêm volume de água normal, e, ora correm entre barrancos abruptos formados por camadas de terras argilosas, sobrepostas por terreno sedimentar secularmente depositado pelas enchentes, ora serpenteiam entre alvas praias, onde aves aquáticas vivem em comum com os pachorrentos e dorminhocos jacarés.



FOTOGRAFIA N.º 2 — Aspecto típico do Pantanal: um "corros". x

Na época da estação chuvosa tudo se modifica. Sendo a região em aprêço quase sem nenhuma declividade, o caminhar das águas é lento e, nas enchentes, elas transvasam para os campos, dando lugar a um interminável manancial, que cobre as macegas, invade as matas e faz desaparecer o leito dos rios, sòmente deixando descoberta a vegetação mais alta, o cimo dos cupinzeiros e as lombadas de terra onde os animais se refugiam.

Os animais silvestres que habitam a mencionada área de terra têm, na flora regional, sua principal alimentação e, por êste motivo, é justo que façamos algumas apreciações sôbre a mesma.

O Pantanal é de formação hidrófila, abrangendo matas, campos e formações intermediárias. As matas, formadas de árvores frondosas, apenas margeiam os rios, "corixos" e "baías", onde predominam a figueira *Ficus sp.*, o cambará *Vochysia tucanorum*, a piúva roxa *Tecocoma ipe* Mart., a p. amarela *T. ocracca*, a imbaúba *Cecropia sp.*, as ingazeiras *Inga edulis* L. *nobilis* e o Paratudo (*Tecoma caraiba* Mart.).



FOTOGRAFIA N.º 3 — O "Eolo", sendo abastecido de lenha no Rio Paraguai.

Nas clareiras abertas pelos contínuos incêndios das macegas provocados para a renovação dos pastos, predomina a palmeira espinhosa de pequeno porte chamada tucum *Bactris sp.*, formando impenetráveis tucunzais onde se abriga a astuta onça pintada *Panthera onca*. Entremeiando as matas, notam-se formações sub-

arborecentes de malváceas e convulvuláceas. Sombreando as águas marginais dos rios, encontram-se o saram de espinhos e o de leite, euphorbiacea da espécie *Phyllanthus sellovianus*, que evita, com o intrincado de seu raizame, a erosão das margens.

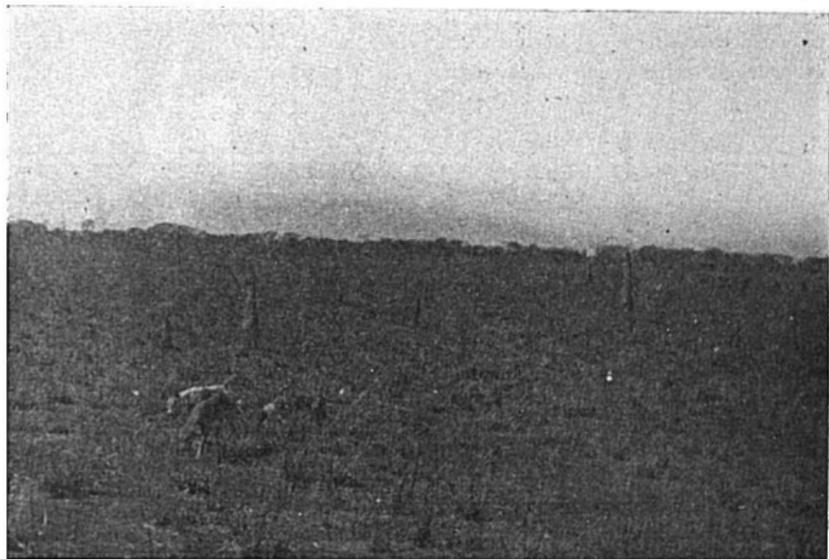
As macegas formadas de várias gramíneas forrageiras, tendo copo principais o capim mimoso *Paratherio prostrata* Grisel e o felpudo, ocupam a maior área do Pantanal, pastorejando nessas planícies cêrca de 5.000.000 de cabeças de gado vacum e cavalari, que constitui a maior riqueza do Estado. Nesses campos, em



FOTOGRAFIA N.º 4 — Aspecto típico do Pantanal: campos nativos e matas ciliares.

grupos ou isoladas, várias espécies de plantas arbustivas povoam o solo úmido, podendo-se enumerar a fruta de lôbo *Solanum lycocarpum*, mercúrio do campo *Erythroxylon tuberosum*, dorme-dorme *Mimosa sp.*, arrebenta laço e algodão bravo *Ipomoea fistulosa* Mart.. Bosques de árvores conhecidas popularmente como pimenteira, abrigam o gado contra a intensidade solar. Den-

tre o grupo das palmáceas, destaca-se o carandá *Copernifera australis*, espécie do mesmo gênero da carnaúba nordestina, mas desprovida de sua grande riqueza cerífera, que embeleza, com seu porte esbelto, as paisagens dessa região mato-grossense. Podemos ainda arrolar a bocaiuva *Acrocomia sclerocarpa*, cujos frutos são apreciados pelos habitantes da região e pelos animais silvestres, e o uacuri (*Atalca phaterota* Mart.) que fornece a palha para a cobertura das casas.



FOTOGRAFIA N.º 5 — A macega recém queimada, vendo-se inúmeros cupinzeiros.

Nos curixos, as plantas aquáticas, tais como a *Eichornia azurea*, *Pontederia cordifolia* e *Azolea filiculoides* ensombream as águas paradas, protegendo a fauna submersa.

Quem percorre os campos do Pantanal, além de observar vários aspectos tipicamente regionais de variação intermitente da flora, surpreende-se com a quantidade incalculável de cupinzeiros que, aflorando da terra, interrompem a monotonia das planícies.

Alí, abrigam-se os térmitas na ocasião das enchentes, atestando a operosidade dêste representante da ordem *Isoptera*, na luta pela vida.

Mais surpreendente ainda para o viajante é que, em alguns campos de formação geológica idêntica aos descritos, não se avista nenhum cupinzeiro, o que vem despertar a curiosidade dos que se interessam pela razão de ser das coisas da natureza.

No Município de Cáceres, notamos formações florísticas interessantes, formando *capões de mato*, onde as terras não são inda-veis e prestam-se à agricultura. No norte deste município vem morrer os contrafortes das serras dos Parecis.

III. O RIO PIQUIRI

Merece especial atenção o curso do Rio Piquiri, por ser um manancial tipicamente representativo da bacia hidrográfica do Grande Pantanal, em cuja margem direita está localizada, numa altitude de 220,00m, a moderna fazenda de criação do Dr. Irineu Corrêa Sampaio, na qual fizemos a sede de nossos estudos em julho e agosto de 1941.

Como geralmente acontece com os rios que irrigam essa região, o Piquiri tem seu curso notadamente turtuosos e de suave declividade. Sua riqueza ictiológica é considerável, bem como notória a quantidade de jacarés *Caiman yacaré* que habita suas águas.

Atualmente, o Rio Piquiri é afluente do Rio Cuiabá, o que não acontecia anos atrás quando aquêle rio era tributário do São Lourenço. Tal modificação surgiu devido ao fenômeno de erosão que sofreu o riacho Perigara, por onde o São Lourenço passou a correr, abandonando certa parte de seu curso, até desaguar no Rio Cuiabá. Em consequência, o Rio São Lourenço desde a sua atual foz até o Rio Paraguai, cedeu seu nome ao Rio Cuiabá, tornando-se um seu tributário, quando, anteriormente a esse fenômeno geológico, era o rio principal. (Vide mapa anexo).

O Rio Piquiri, no trecho em que freqüentemente percorremos, isto é, de sua foz com o Cuiabá até o braço morto do São Lourenço, numa extensão de 60 quilômetros, tem uma largura média de 200,00m, possuindo sua água uma visibilidade de 65 centímetros, verificada com um prato, à guisa de disco de Secchi, e uma temperatura média, durante o dia, de 22,5.º, enquanto que a temperatura média do ambiente foi de 20,5.º, observações estas feitas no mês de julho.



FOTOGRAFIA N.º 6 — Trecho do Rio Piquiri.

Segundo fomos informados pelo comandante de um navio que faz a viagem entre Corumbá e Cuiabá, o rio em questão, até o ano de 1918, era navegado por lanchas, que faziam o transporte de sal para Porto Salgueiro, no Rio Correntes, mercadoria essa transportada para Goiás em carretas. Hoje, nele apenas trafegam canoas a remo ou a motor e, algumas vêzes, lanchas, que servem

aos fazendeiros marginais, sendo que, na vasante, a navegação é franca para embarcações de 1 metro de calado até a Fazenda São José do Piquiri, tornando-se, rio acima, de difícil acesso.

As margens do Rio Piquiri são, geralmente, esbarrancadas podendo-se notar, na vazante, a conformação geológica da região formada por uma camada de terra de aluvião de cerca de cinquenta centímetros de espessura sobreposta à terra argilosa. Em certos trechos, nas curvas do rio, aparece, de quando em vez, alguma praia mostrando a alvura das suas areias.

IV. ASPECTO DA CAÇA

Nessa imensa região, onde a vista descortina os mais amplos horizontes, vive uma fauna terrestre e aquática, que constitui um rico patrimônio da Nação pelo seu valor industrial, comercial, alimentício e cinegético.

No presente capítulo pretendemos, despretensiosamente, fazer sucintas apreciações sobre algumas espécies zoológicas mais comuns que habitam as terras em foco e sobre os caçadores amadores.

MAMÍFEROS

A classe dos mamíferos é, ali, representada por um número apreciável de espécies que vivem em outras regiões do país, havendo, entretanto, outras que são peculiares àquela região e circunvizinhanças, tais como o lobo *Chrysocyon brachyurus*, o cervo *Blastoceros dichotomus*, o cachorrinho vinagre *Icticyon venaticus* e o veado branco *Ozotoceros bezoarticus*.

Em se tratando da caça do Pantanal do Mato-Grosso, é indispensável fazer referências especiais a respeito da onça pintada *Panthera onca palustris*, majestade daquelas paragens, sempre perseguida pelos caçadores exóticos, sedentos de aventuras, ou pelo destemido “*sagaieiro*” regional, que, quando é notória a devasão dos bezerros das fazendas, vai ao encalço da mesma acompanhado

da cachorrada amesrada. A onça dessa região é a mais temível do Brasil porque acua quase sempre no chão, tornando-se, por isso, agressiva e perigosa. Não são poucos os casos em que o caçador é caçado pela aludida fera.

Outro animal majestoso, que foi muito caçado, é o cervo ou veado galheiro, o maior da América do Sul; tendo-se evitado sua extinção com a proibição do comércio da respectiva pele. Presen-



FOTOGRAFIA N.º 7 — Cachorrinho vinagre, que o naturalista Emílio Goeldi reconheceu como um animal raro.

temente, é caçado pelos vaqueiros para utilizar a sua pele na confecção dos tiradores, que é uma faixa de couro propria para proteção do vestiário do vaqueiro ao conter a rez com o laço. O cervo procura os lugares úmidos e os campos recém-queimados para pastar; vímo-lo, as vêzes, entre o gado das fazendas de criação. A noite, abriga-se nas moitas de terra firme.

A capivara *Hydrochoerus hydrochoeris*, por sua vez, é o animal de pêlo mais perseguido nas planícies daquele território pantanoso, por ser seu couro de grande valor comercial. Os “capivareiros”, denominação dada aos caçadores profissionais do aludido roedor, isolados ou acampados em grupos, perseguem-no geralmente à noite, usando lanterna elétrica.



FOTOGRAFIA N.º 8 — Fêmea do cervo surpreendida em seu *habitat*.

Ainda não foi bastante divulgada uma das mais arriscadas e heroicas profissões do Pantanal do Mato Grosso: — a do capivareiro. O número de pessoas empenhadas na tarefa de caçar a capivará é desconhecido. As últimas estatísticas nos mostram que foram exportados, anualmente, a média de 87.000 couros desse roedor. Mas, em vista de ser uma profissão exercida em uma grande área pouco habitada, 90% clandestina, torna-se difícil saber, mesmo aproximadamente, o número de capivareiros existentes no Pantanal do Mato Grosso. Provavelmente com algumas alterações regionais, a sua ação é exercida conforme passamos a descrever:

Cerca de 90% dos caçadores recebem *aviamentos* dos negociantes que lhes compram as peles e que, no Pantanal, são conhecidos por mascates. Eles possuem pequenas lanchas à guisa de uma casa comercial flutuante. Aliás, quase todas as embarcações que viajam nos rios Paraguai e seus afluentes têm as mesmas características. Assim que a lancha para em qualquer porto, acorrem os caboclos para comprar os gêneros de mais premente necessidade. A cachaça, o fumo e a bala 22 para Winchester e 38 para revólver, estão incluídos nesse rol. O negociante por sua vez, adquire os produtos da terra: pele de animais silvestres de valor comercial, madeira serrada, frutas, animais silvestres vivos etc. O capivareiro geralmente caça durante 6 mezes no ano, sendo 3 mezes na época da sêca, isto é, julho, agosto e setembro, e 3 mezes quando o Pantanal está inundado ou seja de dezembro a fevereiro. Em estimativa grosseira podemos acrescentar, que cada caçador abate 80 capivaras por mês quando trabalha assiduamente. Eles vivem nos "acampamentos" em grupos de 2 a 6 indivíduos, quase sempre acompanhados das respectivas mulheres. Na época das sêcas, acampam nas margens dos rios e as caçadas são menos perigosas. Mas, no mezes de inundaçãõ, o capivareiro servindo-se de canoas, aprofunda-se para os brejos e, somente renunciando ao mínimo do conforto, pode resistir a toda sorte de insetos sugadores e aos riscos de todos os momentos. Nesta época passa a maior parte do tempo nas canoas e dorme nas rêdes armadas nos galhos das árvores. Por baixo, água, por cima, mosquitos. Servem-se de girais para colocarem os mantimentos e cozinhá-los.

Existem fazendeiros que entram em entendimentos com os capivareiros para caçarem em determinados lugares de suas propriedades. Mas, de uma maneira geral, eles repelem esses caçadores que entram em suas terras clandestinamente e caçam nos brejos. São considerados indesejáveis nestas fazendas pelos prejuizos que causam nos rebanhos do gado bovino, pois que abatem rezes para a sua subsistência.

O porco queixada *Tayassú pecari* e o caititu *Pecari tajacu* são animais pertencentes à ordem *Artiodactyla*, muito caçados em todo o Mato Grosso, quiçá em todo o Brasil, não só pelo valor comer-

cial do seu couro mas, também, pelo sabor de sua carne, principalmente a segunda espécie citada.

De um modo geral, arrolámos as seguintes espécies de mamíferos, que têm o seu *habitat* no Pantanal e, para melhor coordenação zoológica, enquadramo-las dentro dos respectivos grupos da sistemática moderna:

CLASSE — MAMMALIA

ORDEM MARSUPIALIA

Família *Didelphiidae*

Gambá *Metachirops opossum*.

ORDEM EDENTATA

Família *Dasypodidae*

Tatu cascudo *Euphractus sexcinctus*.
Tatu canastra *Dasypus novemcinctus*.
Tatu liso *Priodontes giganteus*.
Tatu curexo *Tolypeutes mataco* Desmarest.

Família *Myrmecophagidae*

Tamanduá-bandeira *Myrmecophaga jubata tridactyla*.
Tamanduá-mirim *Tamandua tetradactyla*.

ORDEM RODENTIA

Subordem — *Simplicidentata*

Família *Coendidae*

Ouriço *Coendu paraguayensis*.

Familia *Caviidae*

Preá	<i>Cavia aperea azarae.</i>
Cutia ♀ 2.650 kg.	<i>Dasyprocta variegata urucuma.</i>
Paca	<i>Cumulus paca exiana.</i>

Familia *Hydrochoeridae*

Capivara	<i>Hydrochoerus hydrochoeris.</i>
----------------	-----------------------------------

Familia *Octodontidae*

Rato cururu	<i>Octenomiys brasiliensis</i> Blainville.
-------------------	--

ORDEM *CARNIVORA*

Familia *Mustelidae*

Subfamília *Eirinae*

Irara	<i>Eira barbara.</i>
-------------	----------------------

Subfamília *Lutrinae*

Lontra	<i>Lutra platensis.</i>
Ariranha	<i>Pteronura brasiliensis.</i>

Familia *Felidae*

Subfamília *Pantherinae*

Onça pintada	<i>Panthera onca palustris</i> (Ameghino).
--------------------	---

Subfamília *Felinae*

Onça parda	<i>Puma concolor.</i>
Jaguatirica	<i>Leopardus pardalis wiedi</i>
Gato do mato	<i>Noctifelis pardinoides.</i>
Gato mourisco	<i>Herpailurus yaguarondi.</i>

Familia *Canidae*

Lôbo, Guará	<i>Chrysocyon brachyurus.</i>
Lobinho	<i>Cerdocyon thous azarae.</i>
Cachorrinho vinagre	<i>Icticyon venaticus.</i>

Familia *Procyonidae*

Sub-familia *Procyoninae*

Coati	<i>Nasua n. rufa.</i>
-------------	-----------------------

ORDEM *UNGULATA*

subordem — *Perissodactyla*

Familia *Tapiridae*

Anta	<i>Tapirus terrestris.</i>
------------	----------------------------

Familia *Suidae*

Caititu	<i>Pecari tajacu.</i>
Porco-do-mato	<i>Tayassu pecari.</i>

SUBORDEM *ARTIODACTYLA*

Familia *Cervidae*

Galheiro ou cervo	<i>Blastoceros dichotomus.</i>
Veado pardo	<i>Mazama americana.</i>
Veado pororoca ou catingueiro	<i>Mazama simplicicornis.</i>
Veado branco ou campeiro	<i>Ozotoceros bezoarticus.</i>

ORDEM PRIMATA

Familia *Cebidae*

Subfamilia *Allouatinac*

Bugio *Allouata caraya*.

Subfamilia *Cebinae*

Macaco *Cebus paraguayanus*.

Subfamilia *Hapalinae*

a ~~S~~güi cara branca *Callithrix argentata melanura*.

Subfamilia *Aotinae*

Macaco-bôca-d'água *Aotus boliviensis*.

AVES

Em se tratando de uma região pantanosa, é justo que a classe das aves seja melhor representada por indivíduos pertencentes às ordens *Gruiformes*, *Charadriiformes*, *Ciconiiformes*, *Anseriformes* e *Ardeiformes*. Essas aves, geralmente de grande porte, habitam as margens dos rios, “corixos” e “baías”, deleitando as nossas vistas com seus artísticos vôos e suas plumagens multicores. A ordem *Falconiformes* é também bastante representada, pois chegamos a coletar dez espécies de gaviões. Entrementes, nossa atenção foi despertada pelas poucas espécies de pássaros existentes nas matas ciliares e nos campos, fazendo exceção o buliçoso cardeal *Paroeria capitata*, que se encontra em toda parte, ora em grupos, ora aos casais animando a paisagem com sua cabecinha vermelha e corpo acinzentado. Próximo às habitações, encontramos, também, alguns pássaros, que, pela manhã, despertam o homem rural para o trabalho, sendo o bem-te-vi *Myiozetetes*

similis (Spix) e o Sanhaço do campo *Molothrus badius badius*, os mais ativos.

Nas praias, tivemos ocasião de observar, em grupos, às vêzes, de mais de centena, os quero-quero e os talha-mar *Rynchops nigra intercedens* Saunders, enquanto que os baguaris *Ardea cocoi*, as garças *Casmerodius albus egretta* Gm., e os socós *Tigrisoma lineatum marmoratum* (Vieil), aguardavam, em posição imóvel, o momento oportuno para fisgar os peixinhos incautos.

As matas que contornam os rios e os “corixos” bem como os capões de mato são povoados pelas sociáveis jacutingas *Pipile cumanensis nattereri* Reichenbach e *P. c. cumanensis* (Jacquin), pelas barulhentas arancuãs *Ortalis canicollis pantanalensis* Cherie e Reichenbach, pelos vistosos tucanos *Ramphastos toco* Müller, e outras aves que ali procuram a sua alimentação predileta. O jaó *Chypturellus undulatus undulatus* (T.) também aí é freqüentemente encontrado, mariscando, no chão úmido, sementes e insetos; seu canto tristonho torna mais melancólica a natureza do Pantanal no morrer dos dias de agosto e setembro e nas noites enluaradas. Os majestos mutuns *Crax fasciolata* Spix, cuja fêmea, fugindo à regra geral entre as aves, tem a roupagem mais bela que a do macho, freqüentam as matas em pequenos grupos, notando-se, também, à tarde ou pela manhã, casais dessas aves domesticáveis, mariscando nas praias.

Bando de pombas trocaís *Columba picazuro picazuro* Temm., e avoantes *Zenaida auriculata virgata* Bertoni, à tarde, atravessam os rios, céleres, em busca de pouso, depois de terem passado o dia mariscando nos campos.

Aves menos comuns, tais como o gracioso e belo pavãozinho *Eurypyga helias helias* (Pallas) e o imponente urubu-rei *Sarcophagus papa* (Linn.), de quando em vez, são notados nas margens dos rios, sendo que este faz o seu repasto em companhia dos urubus comuns *Coragyps atratus foetens* (Licht.) e do urubu tinga *Cathartes urubitinga* Pelz.

Outra ave interessante e característica do Pantanal é a anhuma — *Chauna torquata* (Oken), considerada a sentinela daquelas regiões. Postada no cima das árvores, esta grande ave, de porte

idêntico ao de um peru, emite gritos alarmantes quando nota a presença de alguém; por isso, os vaqueiros a abominam e a perseguem, pois, quando estão "sondando" algum gado bravo para capturá-lo e conduzi-lo ao curral, a referida ave, com gritos estridentes, afugenta os animais em vista.

Emfim, tivemos ocasião de observar em Descalvados a riqueza da ave-fauna do grande Pantanal. O vozerio emitido pelas arancuãs, araras, curicacas, papagaios, cauãs e muitas outras aves, dá vida e movimentação àquelas planuras. À noite, os gritos de angústia das carões e dos lobinhos, despertam o silêncio das campinas.

Constatamos as seguintes espécies da fauna alada, tôdas, aliás, figurando no Museu da Divisão de Caça e Pesca:

ORDEM RHEIFORMES

Família *Rheidae*

Ema *Rhea americana* (Linn.)

ORDEM TINAMIFORMES

Família *Tinamidae*

Jaó Peso médio, 600 gr. *Crypturellus undulatus undulatus* (Temm.)

ORDEM PELECANIFORMES

Família *Phalacrocoracidae*

Bigua *Phalacrocorax olivaceus olivaceus* (Humb.)

Família *Anhingidae*

Biguá-tinga *Colchlearius cochlearia* (Linn.)

ORDEM CINONIIFORMES

Família *Cochleariidae*

Arapapá *Cochlearius cochlearia* (Linn.).

Família *Threskiornithidae*

Curicaca *Plegadis falcinellus guarau-*
na (L.).

Curicaca *Theristicus c. caudatus*
(Bodd.)

Colhereira *Ajaia ajaia* (Linn.)

Chapéu velho *Phimosus infuscatus nudifrons*
(Spix).

Família *Ciconiidae*

Garça branca *Jabiru mycteria* (Licht.)

Socó *Mycteria americana* Linn.

Família *Ardeidae*

Tuiuiu *Casmerodius albus egretta*
(Gm.)

Cabeça sêca *Tigrisoma lineatum marmora-*
tum (Vieill.)

Baguari *Ardea cocoi* Linn.

Garcinha branca *Leucoployx t. thula* (Molina)

Socózinho *Bulorides s. striatus* (Linn.)

Garcinha *Pilherodius pileatus* (Bodd.)

ORDEM ANSERIFORMES

Família *Anhimidae*

Anhuma *Chauna torquata* (Oken)

Familia *Anatidae*

Marrequinha	<i>Dendrocygna viduata</i> (Linn.)
Marreca	<i>Nettion brasiliense</i> (Gm.)
Pato selvagem. Peso médio:	<i>Cairina moschata</i> (Linn.)
♂ 4 kg — ♀ 2 kgs.	

Nota — Foram encontrados no estomago deste pato 14 exemplares do molusco (ampularia) da especie det. por *Marisa planosgyra* Pils.

ORDEM *FALCONIFORMES*

Familia *Falconidae*

Cará-cará	<i>Polyborus plancus brasiliensis</i> (Gm.)
Cri-cri	<i>Gampsonys s. swainsonii</i> Vigors
Gavião	<i>Falco fusco-caerulescens fusco-caerulescens</i> Vieil.

Familia *Accipitridae*

Gavião fumaça	<i>Heterospizias m. meridionalis</i> (Latham).
Gavião lavadeira	<i>Busarellis n. nigricollis</i> (Latham).
Gavião	<i>Hypomorphnus urubitinga urubitinga</i> (Gm.).
Gavião caramujeiro	<i>Rosthramus s. sociabilis</i> (Vieil.)

ORDEM *GALLIFORMES*

Familia *Cracidae*

Arancuã. Peso medio 600 gr.	<i>Ortalis canicollis pantanalensis</i> Cherrie e Reich.
Jacutinga	<i>Pipile cumanensis nattereri</i> (Reich.).

Jacutinga	<i>Pipile cumanensis cumanensis</i> Jacq.)
Jacu. Peso médio 1,400 kg.	<i>Penelope obscura obscura</i> Temm.
Mutum-pinima Peso: ♂ 2,750 kg; ♀ 2.650 kg.	<i>Crax fasciolata</i> Spix.

ORDEM GRUIFORMES

Família *Aramidae*

Carão	<i>Aramus scolopaceus carau</i> Vieil.
-------------	---

Família *Cariamidae*

Seriema	<i>Cariama cristata</i> (Lin.).
---------------	---------------------------------

Família *Rallidae*

Saracura	<i>Aramides c. cajanea</i> (Mül.)
----------------	-----------------------------------

Família *Eurypygidae*

Pavãozinho	<i>Eurypyga helias helias</i> (Pallas.)
------------------	---

ORDEM CHARADRIIFORMES

Família *Charadriidae*

Quero-quero	<i>Belonopterus chilensis lampro-</i> <i>notus</i> (Wagles).
-------------------	---

ORDEM COLUMBIFORMES

Família *Columbidae*

Rolinha	<i>Columbigallina t. talpacoti</i> (Temm.).
---------------	--

Rolinha	<i>Columbina picui picui</i> (Temm.)
Juriti	<i>Leptotila verreauxi ochroptera</i> Pelzen.
Pomba-trocal	<i>Columba picazuro picazuro</i> Temm.
Pomba-do-bando 100 gr.	<i>Zenaida auriculata virgata</i> Bertoni.
Rolinha	<i>Uropelia campestris</i> . Spix.

ORDEM PSITTACIFORMES

Família Psittacidae

Jandaia ou ararinha	<i>Psittacora a. acuticauda</i> (Vieil).
Periquito	<i>Aratinga aurea aurea</i> (Gm.)
Periquito do peito branco	<i>Myiopsitta monachus monachus</i> (Bodd.).
Periquito da cabeça preta	<i>Nendayus nenday</i> (Vieil.)
Arara preta	<i>Anodorhynchus hyacinthinus</i> (Latham.).
Periquito	<i>Tirica chiriri</i> . (Vieil.).
Papagaio verdadeiro	<i>Amazona aestiva</i> (Linn.).
Maitaca	<i>Pionus maximiliani siy</i> (Souance)

ORDEM STRIGIFORMES

Família Strigidae

Caboré	<i>Otus choliba decussatus</i> (Licht.).
--------------	---

ORDEM CORACIIFORMES

Família Caprimulgidae

Curiangu	<i>Nyctidromus albicollis derbyanus</i> Gould.
Curiangu	<i>Setochalcis rufa rutila</i> (Burm.).

Curiangu	<i>Hydropsalis torquata</i> (Gm.).
Bacurau	<i>Podager nacunda nacunda</i> (Viel.).

Familia *Alcedinidae*

Martim pescador	<i>Megaceryle torquata torquata</i> (Lin.)
Martim pescador	<i>Chloroceryle amazona</i> (Lath.)
Martim pescador	<i>Chloroceryle americana ma-</i> <i>thewsi</i> (Laub.).

ORDEM TROGONIFORMES

Familia *Trogonidae*

Peito de moça	<i>Trogonurus variegatus behni</i> Gould.
---------------------	--

ORDEM SCANSORES

Familia *Rhamphastidae*

Tucanossu 600 gr. ♂	<i>Ramphastos toco</i> Müller.
Tucaninho	<i>Pteroglossus castanotis austra-</i> <i>lis</i> Cas.

ORDEM PICIFORMES

Familia *Picidae*

Pica-pau	<i>Chrysoptilus m. melanochloros</i> (Gm.)
Pica-pau	<i>Scapanus m. melanoleucos</i> (Gm.)
Pica-pau	<i>Veniliornis passerinus olivinus</i> (Malherbe.)
Pica-pau	<i>Celeus lugubris lugubris</i> (Ma- lherbe.)

Família *Galbulidae*

Bico de agulha *Galbula r. rufoviridis* Cab.

ORDEM *PASSERIFORMES*

Família *Furnariidae*

Bichoita *Schoeniophylax phryganophila*
Vieil.

Pis-Pis *Synallaxis rufifrons sincipitalis*
(Cab.).

Nome vulgar? *Synallaxis gujanensis albilora*
Pelz.

Amassa Barro *Furnarius rufus comersoni*
Pelz

Amassa Barro do Brejo *Pseudoseisura cristata unirufa*
(Lafr. & D'Orb.)

Pica-páu *Xenops r. rutilans* Tem.

Família *Hirundinidae*

Andorinha *Tachycineta albiventer* Bodd.

Família *Tyrannidae*

Bôbó *Elaenia f. flavogaster*
(Thunb.)

São Joãozinho *Pyrocephalus r. rubinus*
(Bodd.)

Bem-te-vi *Myiozetetes s. similis* (Spix.)

Família *Fringilidae*

Cardeal *Paroaria capitata* (Lafr. et
d'Orb.).

Família *Icteridae*

22 Joo Pinto do brejo	<i>Amblyramphus holoscriceus</i> (Scopoli).
Bico-de-prata	<i>Ostinops decumanus australis</i> O. Pinto.
Polícia inglesa	<i>Leistes militaris superciliaris</i> (Bonap.).
Sanhaço do campo	<i>Molothrus b. badius</i> Vieil.
Tordo	<i>Molothrus b. bonarensis</i> (Gm.)

Família *Thraupidae*

Sanhaço	<i>Thraupis p. palmarum</i> (Wied.)
Nome vulgar?	<i>Encometis penicillata albicollis</i> (Lafr. Orb.)

Família *Cotingidae*

Nome vulgar?	<i>Casiornis rufa</i> (Vieil.)
--------------------	--------------------------------

Família *Formicariidae*

Piolho de onça	<i>Thamnophilus doliatus radiatus</i> (Vieil.)
Nome vulgar?	<i>Taraba major major</i> (Vieil.)

Família *Dendrocolaptidae*

Pica-pau	<i>Lepidocolaptes angustirostris</i> <i>angustirostris</i> (Vieil.)
Pica-pau	<i>Campylorhamphus trochiliro-</i> <i>tris lafresnayanus</i> (D'Orb.)
Pica-pau	<i>Dendroplex picus kienerii</i> (Des Murs).

Família *Corvidae*

Gralha	<i>Cyanocorax Cyanomelas</i> (Vieil.)
--------------	--

RÉPTEIS

Os répteis mais interessantes, do ponto de vista da caça e da pesca, são o jacaré *Caiman jacaré* e o sinimbú *Iguana iguana*. Quanto ao jacaré, a espécie por nós constatada e a mais abundante, não é apreciada pelos industriais de peles, em virtude de haver uma certa aderência óssea em suas escamas dorsais que prejudicam a sua industrialização.

Encontramos as seguintes espécies de répteis, sendo que algumas se acham representadas no Museu da Divisbo de Caça e Pesca:

RÉPTEIS

Ordem *Emydosauria*

Família *Crocodylidae*

Jacaré *Caiman Jacaré*

ORDEM SQUAMATA

Subordem *Lacertilia*

Família *Iguanidae*

Sinimbu *Iguana iguana*.

Lagartixa *Tropidurus sp.*

Família *Teiidae*

Lagarto *Tupinambis teguixin*.

Lagarto Pium *Tupinambis rufescens*.

Calango *Ameiva sp.*

ORDEM OPHIDIA

Família *Boidae*

Sucurí *Eunectes murinus*.

Jiboia *Constrictor constrictor*.

Família *Crotalidae*

Cascavel *Crotalus terrificus*.

Família *Colubridae*

Cobra d'água *Liophis sp.*

CAÇADORES AMADORES

Com referência aos caçadores, verificamos que são em número reduzido as pessoas daquela região que se dedicam ao esporte da caça, havendo alguns em Campo Grande e Corumbá que praticam a caça das perdizes e de animais de pêlo.

Os caçadores de Corumbá, em louvável atitude, organizaram o Clube Esportivo Matogrossense de Caça e Pesca e procuram praticar o esporte cinegético de maneira sadia e legal.

As caças de pena e os mamíferos, cujas peles não têm valor comercial, são muito pouco perseguidos pelos habitantes regionais. Tivemos ocasião de observar que eles desprezam certas aves consideradas em outras paragens ótima caça para alimentação. A carne do mutum, da jacutinga, do jaó, do veado e de outros animais selvagens não é cubiçada pelo caboclo regional, pois este prefere a carne de gado e a do peixe, aliás, base da sua alimentação. Mesmo a carne do jacaré, em outras localidades, tais como na margem do baixo São Francisco e Vale do Rio Doce, representa ótimo petisco, no Pantanal, é desprezada com certa repugnância.

Até 1940, a fauna do Pantanal era a mais protegida do país, não só por motivo dos brejais oferecerem abrigo seguro, mas, também pela própria população regional que não se dá ao esporte da caça.

Presentemente, entretanto, com o desenvolvimento da aviação, caçadores dos centros civilizados praticam ali o esporte cinegético com armas de grande alcance, mas, alguns, se excedem e, em vez de caçarem de acôrdo com as normas esportivas, realizam verdadeira chacina. Matam pelo prazer de matar sem nenhum respeito ao Código de Caça.

V. NOTAS BIOLÓGICAS E ECOLÓGICAS

A Divisão de Caça e Pesca, convicta de que o estudo da vida dos animais selvagens auxilia, de maneira decisiva, a regulamentação da caça e da pesca, determina, todos os anos, nossa ida a algumas regiões típicas do país para colher elementos documentados sobre a biologia desses mesmos animais. Por nossa vez, firmados nessa convicção, procuramos sempre examinar o conteúdo gástrico e o estado do aparelho genital dos indivíduos coletados durante nossas excursões. Assim, durante os estudos feitos no vale do Piquiri, necropsiamos treze mamíferos, cento e noventa e seis aves, dez répteis e muitos peixes.

No município de Carceres, na Fazenda de Sta. Rosa, próximo a Descalvado, colecionamos 80 aves e 10 mamíferos, inclusive 3 onças pintadas.

Na classe dos animais de pêlo, verificámos, no dia 29 de junho, que uma fêmea de cervo tinha um feto com formas pouco definidas, com um mês de idade, aproximadamente, baseando-nos no período de gestação dos ruminantes. No dia 7 do mesmo mês, encontramos uma fêmea de macaco bugio *Alouatta caraya* Humb., tendo um feto com formas definidas, com unhas, mas sem vestígios de pêlos, portanto, com a idade aproximada de cinco meses de gestação, caso este período seja de nove meses, conforme a espécie humana.

A título de informação, adiantamos que, no Planalto Central do Mato Grosso, no dia 13 de setembro, retirámos de uma fêmea de *Cebus*, um feto no último período de gestação, apresentando-se revestido de pêlo em todo o corpo. Todo este material acha-se conservado no Museu da Divisão de Caça e Pesca para a necessária documentação do assunto e, quando houver uma frequência ponderável desses dados, poder-se-á saber o "climax" da época de criação dos animais estudados.

Ainda na ordem dos primatas, encontramos, no dia 18 de julho, uma fêmea de *Cebus* amamentando um filhote bem crescido. Esses macacos, chamados comumente de prego, alimentam-se de frutos, dentre os quais o acurizeiro, que faz parte também da alimentação do peixe pacu.

Em Setembro de 1957, no Município de Cáceres, capturamos um tatú (*Dasypcis novem cinctus*) ♀ com 4 fetos todos do mesmo sexo, fato este conhecido na biologia deste interessante mamífero.

Quanto às aves, de um modo geral, estão com os ovários pouco desenvolvidos nos meses de julho e agosto, parecendo-nos que a postura é iniciada no mês de setembro, abrangendo outubro e novembro.

Essa previsão não atinge a todas as espécies, porquanto, como sabemos, muitas aves incubam mais de uma vez por ano. Quanto ao regimen alimentar, verificamos que as jacutingas *Pipile cumanensis nattereri* Reich, e *P. c. cumanensis* Jacq., jacús *Penelope o. obscura* Tem., apreciam as flores roxas das piumas *Tecocoma ipê* Mart. e o fruto do piteiro, enquanto os mutuns *Crax fasciolata* Spix incluem na respectiva alimentação o enxêrto de passarinho (erva de passarinho) e o jaó *Crypturellus u. undulatus* Temm., o de mandoví. Tivemos ocasião de encontrar em uma mesma figueira *Ficus alba*, alimentando-se de seus pequenos e delicados frutos, tucanos *Rhamphastos toco* Müller, tucaninhos *Pteroglossus castonotis australis* Cass. e periquitos *Tirica chiriri* Vieil.

No estomago mecânico de um pato (*Cairina moschata*) encontramos grande quantidade de uma espécie de molusco (ampulária) *Marisa planosgyra* Pils. e muitos grãos de areia.

As araras pretas *Anodorhynchus hyacinthinus* Lath., com seus fortísimos e exagerados bicos, preferem os cocos de bocaiuva.

Quanto aos pica-paus. é oportuno tecer algumas considerações sobre seus hábitos.

E' crença, e as portaria sobre regulamentação da caça confirmam, que essas aves são exclusivamente insetívoras; daí a sua natural proteção. Entretanto, as observações biológicas que vimos procedendo e descritas abaixo vêm confirmar que algumas espécies, além de entomófagas, são também frugívoras. No Estado do Espírito Santo, Vale do Rio Doce, abatemos um pica-pau *Leuconerpes candidus* Otto, perfurando uma mamão e verificamos, no seu estomago mecânico, detritos do mesocarpo da referida fruta. No Planalto Central de Mato Grosso, margem do Rio Pocuba Xôreu, encontramos dentro do estômago da espécie *Celeus lugubris lugubris* Malh, pequenas frutinhas silvestres.

Por ocasião de uma visita realizada há tempos à Fazenda Experimental de Cacau e Cola, situada à margem direita do Rio Docê, no Estado do Espírito Santo, tivemos ocasião de verificar que as espécies ali chamadas vulgarmente de João Velho *Celeus flavescens flavescens* Gm., e *Crocomorphus flavus subflavus* (Scl. & Sal.) e duas outras de cabeça vermelha *Ceophloeus lineatus lineatus* e *Phloeocastres robustus* (Licht.), são apontados como responsáveis pelos prejuízos causados nos frutos dos cacauzeiros. Os fazendeiros, com o propósito de defender as respectivas lavouras, fomentam o extermínio das ditas aves remunerando os colonos que as caçam.

Em nossas observações, verificamos apenas que o fruto atacado se apresenta com um orifício que varia em tamanho e em profundidade, atingindo, a maioria, a loja dos frutos. Neste caso, as sementes são atiradas ao chão, intatas. Qualquer que seja a natureza do orifício, mesmo uma simples picadas, provoca a fermentação do fruto.

Apesar de ter abatido um exemplar de cada espécie citada, não encontramos vestígios de fruto de cacau nos respectivos estômagos. Apenas constatamos que a espécie *C. f. flavescens* é, além de insetívora, também frugívora, pois que encontramos no seu estômago frutos de cor azulada da rubiácea rasteira do gênero *Coccyzocyon*.

Continuando nossas observações biológicas no Pantanal de Mato Grosso, adiantamos que algumas necropsias efetuadas no estômago das aves aquáticas, chamadas chapéu velho *Phimosus infuscatus nudifrons* Spix, carão *Aramus scolopaceus carau* Vieil., cabeça seca *Mycteria americana* Lin., revelaram a existência, na primeira citada, de insetos e caramujos; na segunda, caramujos e, na última, peixes (traíras) engolidos inteiros, os quais enchiam completamente o inglúvio e esôfago da dita ave. São também ictiófagos os socós *Tigrisoma lineatum marmoratum* Vieil., biguás *Phalacrocorax olivaceus olivaceus* Humb., e tuiuiús *Jabirú mycteria* Licht.

As anhumas *Chauna torquata* Oken demonstraram ser fitófagas e têm predileção especial por plantas que medram nos lugares úmidos.

E' difícil a determinação dos detritos encontrados no estômago dos animais em geral, pois tudo depende do conhecimento da flora e da fauna local, principalmente dos frutos e insetos, por serem os alimentos mais apreciados pelos animais silvestres, principalmente pelas aves. Para a determinação dos grupos botânicos ou zoológicos a que pertencem os detritos em questão, é necessário fazer uma coleta regional do material que presumimos servir de alimentação aos animais em estudo.

Esse trabalho, aliás, seria de grande interesse para um estudo completo de biologia dos nossos animais silvestres e que só pode ser feito com a colaboração de outras instituições científicas. Nossas investigações, nesse setor, são orientadas por um método mais generalizado, porquanto, na maioria das vezes, só nos permite anotar se o indivíduo é carnívoro, entomófago, frugívoro ou fitófago. Na medida do possível, temos o hábito de conservar o conteúdo estomacal dos animais capturados para o Museu da D. C. P., e o remetemos para Dr. Otto Schubart, biologista que estuda essa especialidade.

Quem percorrer o Pantanal do Mato Grosso, mesmo sem a preocupação de estudar os costumes dos animais silvestres que vivem naquela pantanosa região, extasia-se perante um dos mais soberbos espetáculos daquelas paragens: o ninhal de garças. Estas aves formam, juntamente com outras, que têm o mesmo hábito, sociedades componentes de milhares de indivíduos para construir seus ninhos em árvores e arbustos disseminados nas margens das lagoas ou baías.

Esses ninhais são freqüentados pelos animais carnívoros, que ali fazem farto repasto, devorando as aves jovens que caem dos ninhos. Os gritos, as contendas e os constantes vôos das aves de ida e volta aos ninhos, animam o panorama dessas vegetações ciliares, às vezes numa extensão de mais de quilômetro.

Passando nossas observações biológicas à classe dos répteis, tivemos oportunidade de verificar ninhadas de jacarés com quarenta filhotes, que pareciam pertencer a mesma postura, com tamanhos que variavam de 25 a 35 centímetros, havendo, entretanto, indivíduos maiores entre os mesmos. Esses jacarézinhas eram encontrados ora na praia ou nos barrancos, ou, ainda, em cima de batedos foados pelas *Eichornias*. Tivemos a feliz

oportunidade de constatar que os jacarés, quando se encontram na fase jovem, com o tamanho acima indicado, alimentam-se exclusivamente de insetos, da ordem *Coleoptera*, observação que julgamos ainda inédita.

Esta nossa investigação em cinco indivíduos foi realizada nos meses de junho, julho e princípio de agosto, nos rios Cuiabá e Piquiri.

Procurando bibliografias que pudessem esclarecer ou informar a respeito, apenas encontramos na conhecida obra alemã Brehms Tierleben, "Die Lurch und Kriechtiere", 4.^a edição, Bd. I, pág. 563, sobre os jacarés que vivem na América do Sul, *Caiman latirostris* Daud. e *C. sclerops* Schn., que "a alimentação consiste de todos os seres vivos que possam alcançar". Diz o autor que sempre encontrou no estômago, principalmente escamas e espinhas de peixe, despojos de aves aquáticas, cascalho e areia além de devorarem invertebrados, tendo também encontrado conchas de caracóis Ampularia. Não há, entretanto, nenhuma referência especial sobre a alimentação dos jacarés muito jovens, que, como vimos, devoram exclusivamente insetos. (*) Quanto aos jacarés adultos, fomos menos felizes nas necrópsias que procedemos nos respectivos estômagos, pois os encontramos com detritos irreconhecíveis ou vazios, apenas em um foi encontrado um pequeno ofídio.

Observamos no Pantanal apenas uma espécie de jacaré *Caiman yacare* Daudin, que nunca encontramos com mais de 2,10 m de comprimento. Soubemos por fazendeiros que esses répteis são prejudiciais aos rebanhos, porquanto chegam a danificar as pernas dos animais jovens quando estes se aproximam de seus ninhos.

No retiro de S. Juda Tadeu da Fazenda Descalvados em Cáceres, nos fins de Setembro de 1957, necropsiamos 4 indivíduos afim de examinarmos o aparelho reprodutor dos mesmos. As gônadas de 3 ♂ ♂ foram conservados para o necessário estudo histológico, e uma ♀ com o comp. de 1,60 estava com o aparelho

(*) Segundo determinação do Dr. Otto Schubart, biologista da D. C. P. foram encontrados num jacaré de 35 cm compr. restos de 39 exemplares da família Dytiscidae (Coleoptera), 2 Curculionidae (Coleoptera) e alguns insetos não identificáveis; num outro jacaré também jovem, 26 Dytiscidae e igualmente poucos insetos e besouros não determinados, todos êies de pequeno porte.

reprodutor muito pouco desenvolvido parecendo-nos que iria iniciar a postura no próximo ano.

Secundando os jacarés, em número, apresenta-se o sinimbu *Iguana iguana*, cujos hábitos de animal pacato estão em desacôrdo com seu aspecto de dragão temerário. Vive de preferência à beira dos barrancos dos rios e baías, ou sôbre os galhos das árvores que se debruçam sôbre os referidos mananciais, alimentando-se exclusivamente de fôlhas. Encontramos, nos meses de junho e julho, várias fêmeas com os ovários bem desenvolvidos, contendo de quinze a trinta ovos, parecendo-nos que sua postura é feita nos meses de agôsto e setembro. Travamos conhecimento também com um lagarto avermelhado cujo nome regional é lagarto pium (*Tupinambis rufescens*), de fácies muito semelhante ao do lagarto comum e pareceu-nos ter os mesmos hábitos.

Foi encontrado no estômago de um dêsses lacertílios um pequeno réptil, do mesmo grupo. A espécie de lagarto *Tupinambis teguixin*, muito comum em outras regiões, é rara na região do Piquiri.

Outros lacertílios de menor tamanho foram observados no Pantanal, podendo ser incluídos aqui o papa-vento e outras espécies de pequeno porte, que têm o nome genérico de lagartixas.

Prosseguindo nestas notas biológicas, procuraremos focalizar aqui algumas observações a respeito da criação e alimentação de algumas espécies de peixe da bacia do São Lourenço, Cuiabá e Piquiri.

A fase preparativa para a desova dos peixes do Pantanal apresenta-se com aspectos bem diferentes da de outras bacias hidrográficas do país, por se tratar de região típica, *suigeneris*.

Não é fácil acompanhar o movimento dos peixes do Pantanal. Nas estações chuvosas, o leito dos rios torna-se insuficiente para conter as águas, ficando os campos inundados léguas e léguas de extensão.

De uma maneira geral, chegamos à conclusão de que os peixes sobem ou descem os rios à procura das águas que invadem as planícies, onde desovam nos recantos mais tranquilos, ambiente êste propício à alimentação e defesa das larvas e alevinos que se abrigam na macega submersa. Enquanto duram as precipitações

pluviais, de outubro a fevereiro, continua a migração para os pantanais, e, quando as águas vão abaixando, nos meses de março a maio, os peixes, depois da desova, procuram sair precipitadamente das baías, lagoas e “corixos” para os rios, chamando-se esta corrida de *lufada*, em contraposição ao que em São Paulo chamam de *piracema* e no Vale do Rio Doce, Estado do Espírito Santo, denominam de *cema*, isto é, quando os peixes se movimentam para a perpetuação da espécie. Fomos informados de que, na ocasião da *lufada*, os peixes carnívoros aguardam, na foz dos pequenos mananciais, a passagem dos peixes que fogem para os rios por motivo da vazante do Pantanal.

Constatamos, de acordo com as informações obtidas que a ida e volta daquela preciosa população aquática para cumprir o fenômeno biológico da desova, no decorrer dos meses de outubro a maio, faz-se por cardumes de certas e determinadas espécies, em épocas diferentes. Quanto a esta parte, não podemos obter precisas informações e somente se forem feitas investigações em várias localidades do Pantanal e em épocas propícias poder-se-á chegar a uma conclusão satisfatória.

Fazendo ligeira apreciação sobre os peixes mais conhecidos e de maior valor econômico do Pantanal de Mato-Grosso, obrigatoriamente temos que citar, em primeiro lugar, o pacu *Myleus sp.* Cuv. e Val., peixe que, em setembro e outubro, já se encontra com as gonadas em preparação e procura, nas primeiras enchentes, as terras inundadas para desovar em fevereiro e março, nos batumes, assim chamadas certas plantas sub-aquáticas, de cor avermelhada, própria dos pântanos. Este saboroso peixe alimenta-se de muitas frutas, sendo a principal o “taiuíá” *Cyclanthera sp.* curcubitácea muito comum naquela região. Fazem parte ainda de seu regime alimentar as frutas da cangiqueira, da marmelada, da pimenteira, das Mirtáceas denominadas goiabeira silvestre e araçazeiro, do genipapeiro e do cajazeiro.

Outro peixe bastante conhecido é a piraputanga *Brycon hilarii*, que, apesar de não ser tão apreciado como o pacu, é abundante nos rios, freqüentando os portos, onde se alimentam de resíduos de lavagens domésticas. As espécies de maior porte são o jaú (*Pau-licea lutheni* e surubim *Pseudoplatystoma corruscans* Agassiz,

atingindo, respectivamente o pêso de 100 e 50 quilos. O dourado *Salminus maxillosus Cuv.*, que, na bacia do S. Francisco e nos rios de S. Paulo é considerado um dos melhores peixes fluviais, no Rio Paraguai, na região de Cáceres, é tido como peixe de valor secundário. Os maiores exemplares atingem cerca de 25 quilos. A piranha *Serrasalmus sp.*, conhecida pela sua voracidade, frequenta o Rio Cuiabá até a charqueada de Melgaço, atingindo a referida capital apenas nas cheias dos rios; nunca a pescamos no Alto São Lourenço, em Pocuba Xorêu, no Planalto Central. Mais adiante, damos a relação de alguns peixes da referida localidade.

O Grande Pantanal é uma região praticamente pastoril, sendo, portanto, pouco habitada. A pesca, em consequência, não encontrando centro consumidor e, por faltarem comunicações rápidas com zonas populosas, ainda não teve um desenvolvimento relativo à notável piscosidade dos mananciais que banham tão vastas planícies. A pesca existente apenas supre as necessidades dos agregados das grandes fazendas de criação e dos moradores ribeirinhos. Somente em Corumbá e suas proximidades, existe uma pesca mais ou menos organizada para atender à população daquele centro comercial. Nas fazendas da criação, é hábito ser destacado um trabalhador com o fim de pescar para os habitantes das mesmas, pois seus principais alimentos são a carne de gado vacum e o peixe.

ECOLOGIA

Sendo a ecologia o estudo do ser no meio em que vive, coligimos, no Pantanal, alguns dados ecológicos que, somados a outros elementos, podem ser úteis a um estudo mais acurado desta ciência geral, elementos êsses considerados, modernamente, de magna importância no conhecimento dos fenômenos manifestados pelos seres vivos, pois é sabido que os animais, bem como as plantas, sofrem reações e são dependentes das condições do ambiente. Assim, no Rio Cuiabá, na próspera Fazenda Porto Joffre, propriedade do Dr. Otavio Costa Marques, fizemos as observações que se seguem. Na primeira quinzena de agosto de 1942, a temperatura máxima do ambiente alcançou a média de 34.º, enquanto que a mínima manteve-se em 20,5.º, sendo que as observações efetuadas às 7

horas acusaram a média de 23.º, Neste mesmo período de tempo, a temperatura do rio manteve-se entre 26.º e 27,5.º.

Quanto à hidrometria, passamos a fornecer os seguintes dados coligidos de um posto meteorológico existente em Pôrto Joffre: altura mínima do rio em 1941, 570 mm; altura máxima em 1942 3.650 mm; máxima de água pluviométrica, 134 mm, em março de 1942; mínima, 40 mm em julho de 1942. A transparência da água, em Pôrto Joffre, no dia 13 de agosto de 1942, acusou 300 mm, marcando a régua hidrométrica 920 mm. O céu, em agosto, manteve-se claro, despido de nuvens.

No Rio Piquiri, na Fazenda São José, no mês de julho, a temperatura média do ambiente, às 7 horas, foi de 20,5º enquanto que a da água do rio, na mesma hora, acusou 22,5º.

No Rio Paraguai, em viagem, na primeira quinzena de agosto, a temperatura máxima do ambiente foi de 31º e a mínima de 24º, enquanto que a da água acusou a média de 24º.

Posteriormente, na Fazenda de Descalvados, modelar propriedade de Snr, Iuiz Lacerda de Aguiar, onde acampamos nos meses de Setembro e Outubro de 1957, tivemos ocasião de fazer as seguintes observações; transparência da água do Rio Paraguai no dia 12-10-57 às 8 h. da manhã: 78 cm. sendo a temp. do ambiente 23.º e da água 25.º na prof. de 60cm. O rio estava com pouca água e em vazante progressiva.

Com referência ao clima podemos fornecer ainda alguns elementos mais completos obtidos no posto meteorológico de Cáceres. Assim é que pode-se verificar pelas médias mensais do decênio 1946-1956, que as temperaturas mais altas ocorreram nos meses de setembro a abril, oscilando entre 25.º a 28.º, enquanto que as mais baixas verificaram-se nos meses de maio a agosto, registradas entre 21.º a 25.º.

Com referência à pluviometria, no mesmo período de tempo, foi constatado que o mês de janeiro apresentou a média mais alta, isto é, 250,7m/m, e o de agosto, a mais baixa, ou seja 30,5m/m, sendo que anos houve que no referido mês o pluviógrafo acusou 0 m/m. A média do referido decênio acusou 108 m/m.

O clima do Pantanal é conhecido pelas variações bruscas de temperatura, passando de baixa, com rajadas frescas, para a alta, comparada ao calor senegalêsco.

VI. ASPECTOS DA PESCA

O principal aparelho de pesca é o anzol, o qual, nos lugares de poucos recursos, é confeccionado, rústicamente, com arame.

Apenas no trecho entre a Capital do Estado e o povoado de Aricá, no Rio Cuiabá, usam rédes de arrasto de 50 a 100 metros de comprimento, pescando-se piraputangas, pacus, pacus-pebas, curimatãs etc.; ali, as rédes não são estragadas pelas piranhas, porque o referido peixe não atinge aquelas paragens, por não existirem saleiros (charqueadas) que despejam nas águas do rio farta alimentação sanguínea, seu alimento predileto, tal como acontece rio abaixo.

Se houvesse consumo para o produto da pesca, talvez compensasse os prejuízos causados pelas piranhas e jacarés nos petrechos de pesca confeccionados com fibra vegetal, porquanto as pescarias nas baías ou lagoas com os ditos aparelhos dariam grandes resultados, principalmente quando as águas estivessem baixas, ocasião em que as piranhas não são abundantes.

Os portos, onde são feitas as lavagens de vísceras e jogados outros engôdos, são freqüentados pelas piraputangas, piranhas, bagres, rapa-canoas, sauás, lambaris e piquiras.

Assistimos alguns índios bororos flecharem, com precisão, de cima das árvores que se debruçavam nos rios, piraputangas e curimatãs e que subiam e desciam em cardumes próximos às margens dos rios. Geralmente, as pescarias são feitas das praias e barrancas com "linhada" para capturar jaus, surubins, armãos; ou em pequenas canoas, que descem os rios a mercê da correnteza, usando os pescadores varas de pescar onde está presa a linha de fio de algodão, sendo, porém, o anzol empatado com arame por causa das piranhas. Desta maneira, pesca-se o dourado, o palmito, o peixe-cachorro e o barbado, usando a sardinha como isca, enquanto que, para pacu e o pacu-peba, usam-se pelotas feitas com farinha ou fruto de acuri. A piranha e a piraputanga são pescadas com carne fresca ou pedaços de qualquer peixe.

A pescada, *Plagioscion sp.*, é abundante no Rio Paraguai e tem notável valor comercial em Corumbá, onde é bastante apreciada.

Quando viajamos, subindo os rios Paraguai e Cuiabá, no trecho que fica entre Corumbá e Cuiabá, experimentámos pescar com "linha de currico", com ou sem isca, porem sem o resultado desejado. Convém notar, entretanto, que a época não era propícia à pesca, pois os ditos rios estavam com pouca água e, além disso, está ficava muito agitada à passagem da nossa embarcação.

Por ocasião das habituais paradas dessa embarcação para o abastecimento da lenha, ou quando a mesma encalhava, o que acontece muitas vèzes, acima de Pôrto Joffre, nos meses de sêca, pescavamos, com relativa facilidade, piranhas, bagres e pacus, quando não eramos importunados pelos encouraçados rapa-canoas, loricarídeo êste sem nenhum valor comestível. Tivemos ocasião de observar um fato curioso a respeito dos bagres, pois, no mesmo local, os apanhavamos, uns com o colorido áureo e outros completamente brancos, parecendo à primeira vista espécies diferentes, quando, de fato, pertencem à espécie *Pimelodus clarias*. Não podemos deixar de incluir a arraia na relação dos peixes da região em aprêço, bem como em fazer menção ao justo temor que os habitantes regionais têm desse *Plagiostomo*, pois que o ferimento provocado pelo seu acúleo venenoso, inserido na haste superior da nadadeira caudal, é considerado um dos grandes perigos para quem vadeia os rios já mencionados. As arraias são pescadas nas águas mansas e rasas, onde se escondem no lôdo ou areia só deixando a cabeça descoberta. Conseguimos arrolar as seguintes espécies de peixes no Pantanal e coletamos vários exemplares que figuram nas coleções do Museu da Divisão de Caça e Pesca. (*)

Em 1957 tivemos oportunidade de constatar que a pesca esportiva estava em franco progresso. Aparelhos modernos como o currico e o molinete adaptados ao caniço já são usados para a pesca do dourado, da piraputanga e do pacu.

(*) Na referida relação, as espécies de peixes que estão assinaladas por um asterisco foram determinadas pelo Dr. Raymundo Democrito Silva, técnico da Divisão de Caça e Pesca.



FOTOGRAFIA N.º 9 — “Baía” de Baguari, Rio Piquiri. Nas vasantes, pode-se observar as camas das arraias.

RELAÇÃO DOS PEIXES

CLASSE — *ELASMOBRANCHII*
SUBCLASSE — *PLAGIOSTOMIA*
SUPER ORDEM — *EUSELACHII*
ORDEM — *HYPOTREMATA*
Subordem — *BATOIDEA*
Família — *Potamotrygonidac*

Arraia — *Potamotrygon sp.* (Foto. 1)

CLASSE — *ACTINOPTERYGII* — (Pisces senso
estrito)
SUBCLASSE *NEOPTERYCII*
SUBORDEM — *TELEOSTEI*

ORDEM — *OSTARIOPHYSI*

Sub-ordem — *NEMATOGNATHA*

I. Família *Loricaridae*

Cascudo	<i>Pterygoplichthys anizitzi</i> Eig. & Kenedy. (+) (Foto. 2)
Acari	<i>Loricaria</i> sp. (+)
Cascudo	<i>Sturisoma rostrata</i> Spix (+) (Foto. 3)
Cascudo	<i>Pseudohemiodon platycephalus</i> Kner. (+)
Aacari	<i>Loricaria cataphracta</i> Lin. (+) (Foto. 4)

II. Família *Pimelodidae*

Mandi	<i>Pimelodus clarias</i> Lin. (+)
Mandi	<i>Pimelodus fur</i> Lutken. (+)
Bagre	<i>Pimelodella brasiliensis</i> Steind. (+)

III. Família *Doradidae*

Armão	<i>Oxydoras knerii</i> Bleek (Foto. 5)
Armão	<i>Doras</i> sp. (Foto. 6)
Rapa canoa ou Roque-roque ..	<i>Doras costatus</i> Lin. (+)

IV. Família *Auchenipteridae*

Peixe palmito	<i>Auchenipterus nuchalis</i> Agass. & Sp.
Peixe palmito	<i>Auchenipterus</i> sp. (Foto. 7).

V. Família *Siluridae*

- Jurupoca *Hemisorubim platyrhynchus*
(Cuv. & Val.) (Foto. 25).
Sorubim *Pseudoplatystoma corruscans*
(Lin.).
Jaú *Paulicea lutkeni* Steind.
(Foto. 23).

Sub-ordem *Cypriniformes*

Família — *Characidae*

Subfamília — *Erythrininae*

- Traíra ou Rubafo *Hoplias malabaricus* Bl. (+)

Subfamília — *Anostomatinae*

- Nome vulgar? *Schizodon fasciatus* Eig. &
Kenedy. (+)

Subfamília — *Characinae*

- Saicanga *Roeboides bonariensis* Steind.
(+).

Subfamília — *Serrasalminae*

- Pacu-peva *Myleus* sp. (Foto. 9).
Pacu *Myleus* sp. (+) (Foto. 22).
Piranha catarina *Serrasalmus* sp. (Foto. 10
e 11).
Piranha *Serrasalmus* sp. (Foto. 12).

Subfamília — *Cynodontinae*?

- Peixe cachorro (Foto. 13).

Subfamília — *Gasteropelecinae*

- Sardinha Foto. 14).
Triportheus angulatus Spix.

Sub-família — *Anostomatinae*

- Piava *Leporinus sp.*
Piavassu *Leporinus sp.* (Foto. 24).

Subfamília — *Prochilodinae*

- Curimatã *Prochilodus sp.*

Subfamília — *Hemiodinae*

- Piaba banana *Hemiodinae sp.*

Subfamília — *Bryconinae*

- Piraputanga *Brycon hilarii* Val. (+)
Foto. 15).

Sub-família *Salmoninae*

- Dourado *Salminus maxillosus* Cuv.
(Foto. 21).

Subfamília — *Tetragonopterinae*

- Sauá *Tetragonopterus argenteus*
Cuvier. (+) (Foto. 16).

ORDEM — *PERCOMORPHI*

Subordem — *PERCOIDEA*

V. Família — *Sciaenidae*

- Pescada *Plagioscion sp.* (+) (Foto.
17).

VI. Família — *Cichlidae*

- Acará *Geophagus duodecimspinosus*
Boulenger (+).
Joana guensa *Crenicichla sp.* (+) (Foto.
18).

VII. FISCALIZAÇÃO DA CAÇA. COMÉRCIO DE PELES SILVESTRES. ESTATÍSTICA

As atividades dos funcionários localizados nos dois postos de fiscalização da Divisão de Caça e Pesca do Ministério da Agricultura, com sedes em Corumbá e Campo Grande, (*) no Estado de Mato Grosso, produziram benéficos resultados no que se refere à organização e ao controle do comércio de peles dos animais silvestres e na expedição das necessárias licenças para caça.

Nos anos de 1942 e 1943, com a falta de meios de transporte por motivos da guerra, o comércio de peles tornou-se pouco movimentado, trazendo, desta maneira, uma proteção eventual aos animais de valor econômico.

A quantidade apreciável de veado galheiro, que, presente-mente, pasta nos campos nativos do Pantanal, conforme verificamos quando subíamos o rio Cuiabá, vem demonstrar, de maneira precisa e indiscutível, o benefício que trouxe a proibição do comércio de peles dos animais selvagens, pois anos atrás, o seu extermínio era alarmante.

Com referência à fiscalização das zonas onde operam os caçadores profissionais, consideramos Pôrto Joffre um dos pontos ótimos para a permanência de um fiscal, porquanto é passagem obrigatória dos "mascates" que vêm com carregamento de couros dos rios Piquiri, Cuiabá e São Lourenço. Aliás os fazendeiros proprietários de Pôrto Joffre, São José do Piquiri, São João e Uval estão prontos a colaborar com a Divisão de Caça e Pesca para estabelecer um posto de fiscalização naquela região. São Luiz de Cáceres também é uma localidade apropriada para a instalação de um posto porquanto seria impedido o contrabando de peles e boa área do noroeste de Mato Grosso seria fiscalizada.

(*) Em Agosto de 1954 foi instalada Inspeção Regional de Caça e Pesca com sede em Corumbá, estando sob a sua jurisdição os Postos de Campo Grande, e Aquidauana, Coxim e em Cuiabá.

Quanto ao jacaré *Caiman Jacare*, espécie esta mais abundante, é oportuno tecer aqui alguns comentários sobre a desvalorização da sua pele. Informou um especialista em curtumes de peles de animais selvagens que esta depreciação é proveniente de aderências ósseas, principalmente na parte dorsal, o que provoca o rompimento da mesma quando é submetida às operações do curtume para dar ao couro a maleabilidade necessária ao fabrico de sapatos, bolsas, cintos e outros artefatos. Enquanto que a pele do jacaré-açu *Melanosuchus niger* (Spix) da Amazônia presta-se satisfatoriamente a êsse trato, a da espécie do Grande Pantanal torna-se imprestável e as partes aproveitadas não compensam o comércio dêste produto. Dia virá, entretanto, que êsse obstáculo será removido e o Pantanal será, então, um grande empório da referida matéria prima, tal a quantidade notável de jacarés que freqüentam a região em aprêço. Há necessidade, porém, que esta exploração seja feita racionalmente.

ESTATÍSTICA

Corumbá é o principal pôrto de exportação de peles de animais selvagens procedentes do Pantanal de Mato-Grosso. Apenas uma reduzida percentagem dêste produto, proveniente dos Municípios servidos pela Estrada de Ferro Noroeste do Brasil, isto é, de Pôrto Esperança até Salobra, transição das terras pantanosas e terra firme, não é exportada pelo referido pôrto.

Achamos oportuno e interessante apresentar abaixo alguns dados estatísticos coligidos na Seção de Estatística da D. C. P. com o fim de firmar conclusões a respeito do comércio de peles antes e depois de ser o mesmo controlado pelo Pôrto de Fiscalização de Caça e Pesca.

**QUADROS DEMONSTRATIVOS DE EXPORTAÇÃO DE PELES
ANTES DA INSTALAÇÃO DO POSTO DE FISCALIZAÇÃO DE
CAÇA E PESCA EM CORUMBÁ ESTADO DE MATO-GROSSO**

ANO DE 1937

ESPÉCIES	Exportação Interestadual		Exportação Internacional	
	Número	Importancia Cr\$	Número	Importancia Cr\$
Anta.....	125	3.300,00	—	—
Ariranha.....	236	10.440,00	806	34.380,00
Caitetu.....	5 256	35 928,00	30.972	411.651,00
Capivara.....	11.416	230.125,00	76 843	1.615.054,00
Cervo.....	1.446	24.926,00	8.659	101.972,00
Coati.....	—	—	3	3,00
Cobra- diversas..	7	50,00	8	80,00
Cobras sucuris	107	573,00	6	45,00
Cotia.....	—	—	4	2,00
diversas.....	19	121,00	—	—
Jacaré.....	43	165,00	—	—
Jagatrica.....	523	10.320,00	2.281	69.919,00
Lagarto.....	13	25,00	—	—
Lobinho.....	2	50,00	—	—
Lóbo.....	3	65,00	—	—
Lontra.....	1.335	41.585,00	6.573	260.052,00
Onças.....	103	8.400,00	73	7.590,00
Queixadas.....	1.471	23.761,00	8.722	85.989,00
Sinimbu.....	23	27,00	—	—
Tamanduá.....	—	—	2	22,00
Tatu.....	1	50,00	1	20,00
Veados.....	1.898	18.809,00	3.420	10 769,00
Totais.....	23.827	408.820,00	138.376	2.597.548,00

QUADRO DEMONSTRATIVO DE EXPORTAÇÃO DE PELES
ANTES DA INSTALAÇÃO DO POSTO DE FISCALIZAÇÃO DE
CAÇA E PESCA EM CORUMBÁ, ESTADO DE MATO-GROSSO

ANO DE 1938

ESPÉCIES	Exportação Interestadual		Exportação Internacional	
	Número	Importância	Número	Importância
		Cr\$		Cr\$
Anta.....	24	850,00	—	—
Ariranha.....	274	10.530,00	27	880,00
Caetetu.....	6.927	58.835,00	17.687	188.504,00
Capivara.....	19.620	288.671,00	33.639	598.704,00
Cervo.....	458	2.767,00	4.624	44.455,00
Cobras diversas.....	4	25,00	46	40,00
Cobras sucuris.....	54	367,00	2	20,00
Diversas.....	1	50,00	—	—
Jacaré.....	87	220,00	—	—
Jaguatiriz.....	1.456	25.570,00	201	5.805,00
Lagartos.....	12	30,00	—	—
Lontra.....	1.842	64.450,00	252	8.704,00
Onças.....	54	6.310,00	17	1.325,00
Queixada.....	1.740	9.955,00	4.662	45.738,00
Tamanduá.....	—	—	1	10,00
Veados.....	1.873	14.209,00	1.752	4.976,00
Totais.....	34.459	482.839,00	62.910	894.197,00

DE JANEIRO A JUNHO DE 1939

ESPÉCIES	Exportação Interestadual		Exportação Internacional	
	Número	Importância	Número	Importância
Ariranha.....	157			
Caetetu.....	11.624			
Capivara.....	18 758			
Cobra.....	66			
Jacaré.....	15			
Jaguatirica... ..	816			
Lagarto.....	3			
		Valôr total		Valôr total
		Cr\$ 573.384,00		Cr\$ 41.230,00
Lontra.....	1.527			
Onça pintada.....	55			
Queixada.....	2.630			
Sinimbu.....	2			
Cervo.....	346		3.000	
Veado.....	627		790	
Peles diversas.....	786		—	
Totais.....	37.437		3.790	

DE JULHO A DEZEMBRO DE 1939

ESPÉCIES	Exportação Interestadual		Exportação Internacional	
	Número	Importância	Número	Importância
		Cr\$		Cr\$
Ariranha.....	17	720,00	29	870,00
Capiçara.....	2.585	43.138,00	14.602	241.959,50
Caetetu.....	3 341	35 638,00	4.749	44.316,00
Onça pintada.....	19	1.260,00	2	239,20
Jaguatirica.....	292	3.002,60	473	6.250,00
Lontra.....	105	2.825,50	79	1.975,00
Queixada.....	679	6.674,50	1.103	9.278,00
Veado mateiro.....	299	1.800,90	295	952,00
Veado catingueiro.....	20	55,00	—	
Veado branco.....	105	260,00	—	
Cervo (estoque antigo).....	554	5.821,80	—	
Lagarto.....	6	Sem valor	—	
Sinimbú.....	35	35,00	—	
Víbora.....	1	3,00	—	
Sucuri.....	1	Sem valor	—	
Totais.....	8.049	103.601,20	21.032	305.839,70

ANO DE 1940

ESPÉCIES	Exportação Interestadual		Exportação Internacional	
	Número	Importância	Número	Importância
		Cr\$		Cr\$
Anta.....	43	299,00	—	
Ariranha.....	61	3.458,00	158	6.831,50
Caetetu.....	4.761	58.354,00	8.532	112.030,00
Cameleão (Sinimbu).....	35	9,00	10.671	11.891,00
Capivara.....	768	13.233,00	21.790	425.449,10
Jibóia.....	18	45,00	4	80,00
Jaguár.....	72	5.010,00	4	490,00
Jaguatirica.....	939	21.251,00	864	23.339,00
Lagarto.....	13	10,00	—	
Lontra.....	55	1.055,00	308	9.973,00
Macaco.....	1	—	—	
Queixada.....	758	7.411,00	2.343	29.795,00
Sucuri.....	17	210,00	1	60,00
Sussuarana.....	1	50,50	—	
Veado-cervo (estoque antigo)..	18	85,00	1.580	23.025,00
Veado materno.....	10	98,00	47	282,00
Veado pardo.....	224	715,00		
Totais.....	7.775	111.293,00	46.302	643.245,60

ANO DE 1941

ESPÉCIES	Exportação Interestadual		Exportação Internacional	
	Número	Importância	Número	Importância
		Cr\$		Cr\$
Arirãonha.....	64	3.273,50	—	—
Caetetu.....	4.402	85.590,60	12.658	168.687,90
Capivara.....	2.673	61.246,30	31.793	732.202,30
Gato do mato.....	23	190,00	—	
Jacaré.....	41	300,00	—	
Jaguaritica.....	1.636	50.473,50	286	9.889,00
Lagarto.....	10	200,00	—	
Lontra.....	52	700,00	—	
Onça.....	102	9.275,00	7	630,00
Queixada.....	1.129	18.438,00	3.299	54.129,00
Sinimbu.....	1.030	1.774,00	3.730	3.432,00
Veado.....	819	3.633,00	—	
Totais.....	11.981	235.093,50	51.767	968.970,20

QUADRO COMPARATIVO DA EXPORTAÇÃO DE PELES DE ANIMAIS SILVESTRES, ANTES E DEPOIS DA INSTAÇÃO DO PÓSTO DE CAÇA E PESCA, DE CORUMBÁ, ESTADO DE MATO-GROSSO

Antes da Instalação do Pósto			Depois da Instalação do Pósto			
Ano	Quantidade	Valor	Ano	Quantidade	Valor	
		Cr\$			Cr\$	
1937.....	162.303	3.006.368,00	julho a Dezembro de			
1938.....	97.369	1.377.036,00		1940	29.081	406.430,90
Janeiro a junho de 1939.....	41.240	573.384,00		1941	54.077	754.438,60
				63.748	1.204.063,70	
Total.....	300.802	4.956.788,00	Total.....	146.906	2.364.933,20	

Pelos quadros esquemáticos apresentados acima, verificamos que, antes da instalação do Pósto de Fiscalização, num período de 2 anos e 6 meses, ou seja de 1937 até junho de 1939, foram exportadas 300.802 peles no valor de Cr\$ 4.956.788,00. No mesmo espaço de tempo, ou seja de julho de 1939 até 1941, quando a exportação estava sob às vistas do Pósto, o movimento foi de 146.906, no valor de Cr\$ 2.364.933,20, alcançando, cada pele, em ambos períodos de tempo, o preço médio de Cr\$ 16,00.

Analisando-se os presentes dados estatísticos, verificamos que a fiscalização reduziu de mais de 50% a exportação de couros de animais silvestres, garantindo, porém, as fontes abastecimento do mercado com a proteção das espécies zoológicas na época de criação e quando em estado jovem.

A proteção permanente do veado galheiro, da lontra, da ariranha e do veado branco ou bororó, cooperou também para a redução da pauta de exportação.

Apresentamos, em seguida o quadro esquemático de 1942, acusando uma exportação bem reduzida, em vista da falta de transportes por motivo da guerra.

QUADRO DEMONSTRATIVO DE EXPORTAÇÃO DE PELES DE ANIMAIS SILVESTRES, FEITO PELO POSTO DE FISCALIZAÇÃO DE CAÇA E PESCA EM CORUMBÁ, ESTADO DE MATO-GROSSO

ANO DE 1942

ESPÉCIES	Exportação Interestadual		Exportação Internacional	
	Número	Importância Cr\$	Número	Importância Cr\$
Caetetu.....	4.512	61.965,00	7 734	82.879,50
Capivara.....	10.566	244.149,09	16 227	349.352,00
Jacaré.....	2	40,00	—	—
Jaguatirica.....	519	11.166,60	300	6.500,00
Onça.....	47	4.730,00	—	—
Queixada.....	777	10.780,00	4.398	68.930,40
Sinimbu.....	16	100,00	—	—
Sucuri.....	301	635,00	—	—
T. mandná.....	13	140,00	—	—
Veados.....	677	5.473,00	60	668,10
Totais.....	17.440	339.181,60	28.716	598.330,60

Finalizando as presentes notícias sôbre a caça e a pesca no Pantanal do Mato-Grosso, apresentamos, em seguida, várias fotografias relativas ao material ictiológico coletado naquela região sul-matogrossense e que correspondem ao texto do capítulo VI — “Aspectos da pesca”. Cumpre-nos salientar que as fotografias são da autoria do fotografo Aggio Neto e os trabalhos de taxidermia foram executados pelo tecnologista Antonio Domingos Aldrighi.

Com o fim de atualizar o presente trabalho acrescentamos mais algumas fotografias e os quadros abaixo demonstrativos de exportação de peles de animais silvestre referentes aos anos de 1954 a 1956, enviados pelo Inspetor Chefe da I. R. C. P. de Corumba, Snr. Mauro Gomes do Rego.

**EXPORTAÇÃO DE PELES DE ANIMAIS SILVESTRES,
DURANTE O ANO DE 1954 EFETUADA PELAS FIRMAS
REGISTRADAS E SUBORDINADAS AO POSTO DE
CORUMBÁ, E. MATO GROSSO**

ESPÉCIES	Quantidade	Valor Comercial
Capivaras.....	88.887	Cr\$ 3.611.809,70
Caetetus.....	21.353	Cr\$ 517.895,00
Queixadas.....	6.198	Cr\$ 134.060,40
Jaguatiricas.....	2.244	Cr\$ 538.610,60
Onça-pintada.....	63	Cr\$ 25.870,00
Lontras.....	662	Cr\$ 36.125,00
Ariranhas.....	74	Cr\$ 5.420,00
Veado Mateiro.....	216	Cr\$ 6.123,00
Onça Parda.....	38	Cr\$ 1.350,00
Gato do Mato.....	347	Cr\$ 7.585,00
Soma Total.....	120.082	Cr\$ 4.884.657,10

**EXPORTAÇÃO DE PELES DE ANIMAIS SILVESTRES,
DURANTE O ANO DE 1955 EFETUADA PELAS FIRMAS
REGISTRADAS E SUBORDINADAS À INSPETORIA
REGIONAL DE CAÇA E PESCA EM CORUMBÁ,
E. MATO GROSSO"**

ESPÉCIES	Quantidade	Valor Comercial
Capivaras.....	94.495	Cr\$ 5.000.247,40
Caetetus.....	14.042	Cr\$ 577.231,50
Queixadas.....	4.416	Cr\$ 122.850,50
Jaguatiricas.....	3.020	Cr\$ 1.167.879,00
Onça-pintada.....	77	Cr\$ 65.725,00
Veado-mateiro.....	167	Cr\$ 5.825,00
Onça-parda.....	1	Cr\$ 100,00
Lontras.....	354	Cr\$ 43.880,00
Gato do mato.....	11	Cr\$ 150,00
Soma Total.....	116.582	Cr\$ 6.983.388,40

EXPORTAÇÃO DE PELES DE ANIMAIS SILVESTRES,
DURANTE O ANO DE 1956 EFETUADA PELAS FIRMAS
REGISTRADAS E SUBORDINADAS À INSPETORIA
REGIONAL DE CAÇA E PESCA EM CORUMBÁ,
E. MATO GROSSO

ESPÉCIES	Quantidade	Valor Comercial
Capivaras.....	86.373	Cr\$ 5.610.134,00
Caetetus.....	12.788	Cr\$ 742.454,50
Queixadas.....	5.473	Cr\$ 182.404,50
Lontras.....	628	Cr\$ 42.030,00
Onça-pintada.....	86	Cr\$ 94.415,00
Sinimbus.....	760	Cr\$ 7.248,50
Ariranhas.....	11	Cr\$ 8.050,00
Jaguatiricas.....	1.773	Cr\$ 762.186,00
Gatos do mato.....	104	Cr\$ 7.942,00
Soma Total.....	107.996	Cr\$ 7.451.864,50

EXPORTAÇÃO DE PELES DE ANIMAIS SILVESTRES
DURANTE O ANO DE 1957, EFETUADA PELAS FIRMAS
REGISTRADAS E SUBORDINADAS À INSPETORIA
REGIONAL E SUAS DEPENDENCIAS, ESTADO DE
MATO GROSSO

1 — ZONA NORTE DO ESTADO: CORUMBÁ

ESPÉCIES	Quantidade	Valor Comercial
Capivaras.....	82.813	Cr\$ 6.514.289,00
Caetetus.....	9.273	Cr\$ 472.502,00
Queixadas.....	3.273	Cr\$ 129.392,50
Jaguatiricas.....	1.977	Cr\$ 1.127.920,00
Lontras.....	458	Cr\$ 40.870,00
Onça-pintadas.....	68	Cr\$ 71.220,00
Ariranhas.....	2	Cr\$ 800,00 (?)
Gatos do mato.....	22	Cr\$ 1.925,00
Sinimbus.....	100	Cr\$ 800,00
Veados-mateiro.....	13	Cr\$ 800,00
Jacaré-comun.....	6	Cr\$ 450,00
Soma.....	97.833	Cr\$ 8.351.218,50

2 — ZONA SUL DO ESTADO: CAMPO GRANDE

ESPÉCIES	Quantidade	Valor Comercial
Capivaras.....	288	Cr\$ 19.878,00
Caetetus.....	7.276	Cr\$ 396.357,50
Queixadas.....	3.412	Cr\$ 170.155,20
Jaguatiricas.....	1.311	Cr\$ 484.195,00
Gatos do mato.....	297	Cr\$ 15.800,00
Veados-mateiro.....	344	Cr\$ 41.170,00 (?)
Sub-Soma.....	12.928	Cr\$ 1.127.555,70
Penas de éma	105k	Cr\$ 63.400,00
Soma.....		Cr\$ 1.190.955,70

3 — ZONA "INTERMÉDIÁRIA" — AQUIDAUANA

ESPÉCIES	Quantidade	Valor Comercial
Capivaras.....	341	Cr\$ 17.350,00
Caetetus.....	3.012	Cr\$ 110.340,00
Queixadas.....	952	Cr\$ 21.620,00
Onças-pintada.....	2	Cr\$ 4.000,00
Soma.....	4.307	Cr\$ 153.310,00

RESUMO

Produção de Peles 115.068—Cr\$ 9.632.084,20

Produção de Penas 105k Cr\$ 63.400,00

Soma..... Cr\$ 9.695.484,20

BIBLIOGRAFIA

- AGUIRRE, A. — A Caça e a Pesca no Vale do Rio Doce. — Separata da Rev. do D.N.P.A., do Ministério da Agricultura. — Janeiro a Junho de 1938.
- AGUIRRE, A. — A Caça e a Pesca no Vale do S. Francisco.
- BREHMS, A. — 1912 — Brehms Tierleben-Die Lurche und Kriechtiere Vol. 1.
- CABRERA, A., & YEPES, J. — 1940 — Mamíferos Sud-americanos (vida, costumbres y descripción).
- COUTO DE MAGALHÃES, A. — 1931 — Monografia Brasileira de Peixes Fluviais.
- COUTO DE MAGALHÃES, A. — 1939 — Ensaio sobre a Fauna Brasileira.
- GOLLDI, E. A. — 1909-1906 — Album de Aves Amazônicas.
- GOELDI, E. A. — Os lagartos do Brasil. Bol. do Mus. Goeldi. Vol. III.
- HOENE, F. C. — Relatório-Botânica — anexo n.º 2. Expedição Científica Roosevelt-Rondon.
- HOENE, F. C. — Relatório dos trabalhos de botânica e viagens executadas durante os anos de 1908-1909. Com. de linhas Telegr. Estratégicas de Mato Grosso ao Amazonas. Publicações n.º 28 — Anexo n.º 4.
- IHERING, H. VON — 1898 — As aves do Estado de São Paulo — Rev. do Mus. Paulista. Vol. III.
- IHERING, H. E. R. VON — 1907 — As Aves do Brasil. Vol. I dos Catal. da Fauna Brasileira editados pelo Mus. Paulista.
- IHERING, H. VON — 1911 — Os mamíferos do Brasil meridional; Carnívora. Rev. Mus. Paulista. Vol. VIII.
- IHERING, H. VON — 1914 — Os Bugios de género Alouatta. Separata da Rev. do Mus. Paulista. Vol. IX.
- IHERING, R. VON — 1934 — Da vida dos Nossos Animais. Fauna do Brasil.
- IHERING, R. VON — 1940 — Dicionário dos Animais do Brasil.
- LÖFGREN, A. — 1907 — Manual das Famílias Naturais Phanerógamas.
- MELO-LEITÃO, C. DE — 1942 — Compêndio Brasileiro de Biologia. Vol. II. Zoologia.

- MIRANDA-RIBEIRO, A. — 1912 — Fauna Brasiliense — Peixes — Tomo IV. Eleutherobranchios Aspirophoros-Parte A-Physostomos Scleracantos.
- MIRANDA-RIBEIRO, A. — 1913 — Sciaenidae. Impresso à parte do Vol. V da Fauna Brasiliense — Peixes e do XVII vol. dos Arch. do Mus. Nacional.
- MIRANDA-RIBEIRO, A. — 1914 — Zoologia (Mamíferos). Anexo n.º 5. História Natural. — Comis. de Linhas Telegráficas Estratégicas de Mato-Grosso ao Amazonas.
- MIRANDA-RIBEIRO, A. — 1920 — Revisão dos Psitacídeos. Brasileiros. Separata do tomo XII da Rev. do Mus. Paulista.
- MIRANDA-RIBEIRO, A. — 1936 — Didelphina ou Mammalia Ovovipara. Rev. do Mus. Paulista. Tomo XX.
- O. PINTO, OLIVERIO M. — 1932 — Resultados ornitológicos de uma excursão pelo Oeste de São Paulo e Sul de Mato-Grosso. Rev. do Mus. Paulista. Tomo XVII. 2.ª parte.
- O. PINTO, OLIVEIRO M. — 1935 — Aves da Bahía. Notas críticas e observações sobre uma coleção feita no recôncavo e na parte meridional do estado. Rev. do Mus. Paulista. Tomo XIX.
- O. PINTO, OLIVEIRO M. — 1938 — Catálogo das Aves do Brasil (1.ª parte). Separata da Rev. do Mus Paulista, tomo XXII.
- O. PINTO, OLIVEIRO M. — 1938 — Sobre as jacutingas de Mato-Grosso com referência especial a validez de *Pipile cumanensis grayi* (Pelzeln). Bol. Biológico. Vol. III (Nova Série). N.º 2.
- O. PINTO, OLIVEIRO M. — 1940 — Nova contribuição à Ornitologia de Mato-Grosso. Separata dos Arq. de Zoologia do Estado de São Paulo (Tomo XXV da Rev. do Mus. Paulista).
- SNETHLAGE, E. — 1914 — Catálogo das Aves Amazônicas. Boletim do Mus. Goeldi. Tomo VIII, 1911-1912.
- SAMPAIO, A. J. — 1934 — Fitogeografia do Brasil. Brasileira. Vol. XXXV.
- SCHULTZ, A. R. — 1939 — Introdução ao Estudo da Botânica Sistemática.
- SANTOS, E. — 1940 — Pássaros do Brasil (Vida e costumes).
- S. MYERS, G. — 1943 — Sistemática geral de Peixes e Biologia da Pesca. Aponts. do curso realizado no Ms. Nacional.



Foto n.º 1 — ARRAIA — *Potamotrigons* sp. ♀
Comprimento 1,42 m — Largura 1,14 m — Pêso 60 quilos.

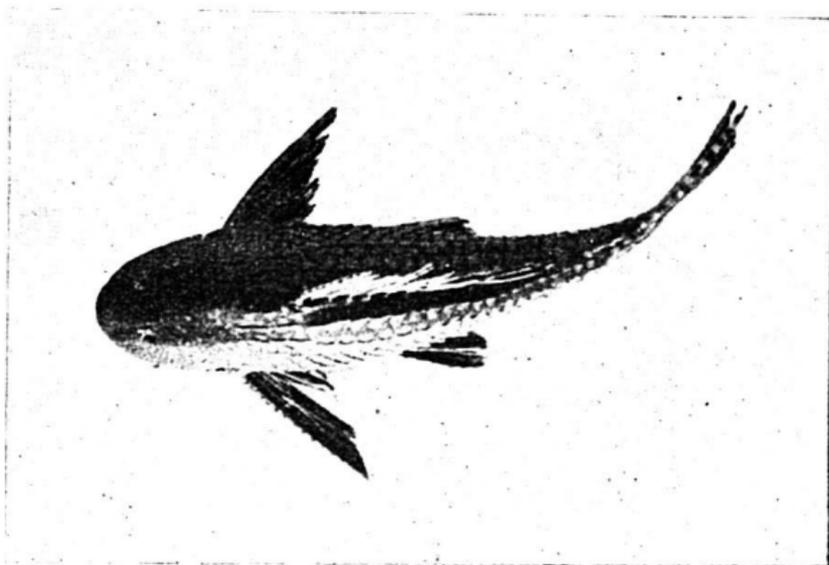
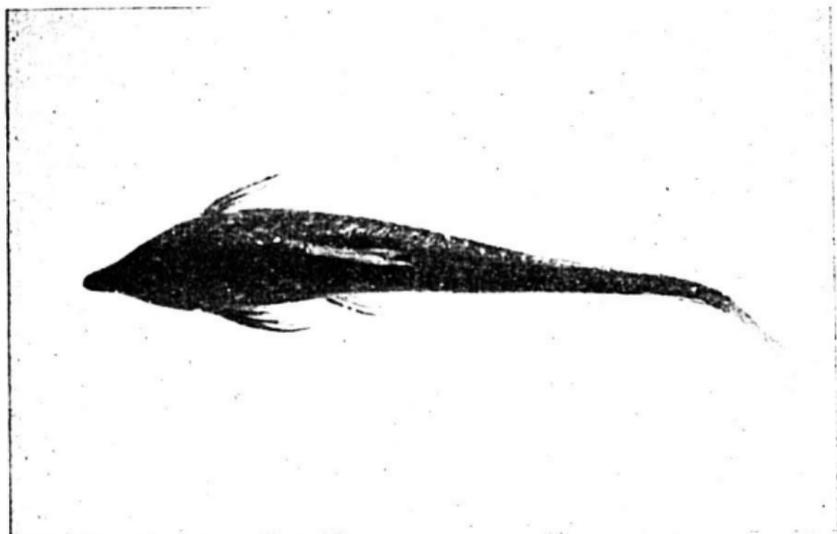
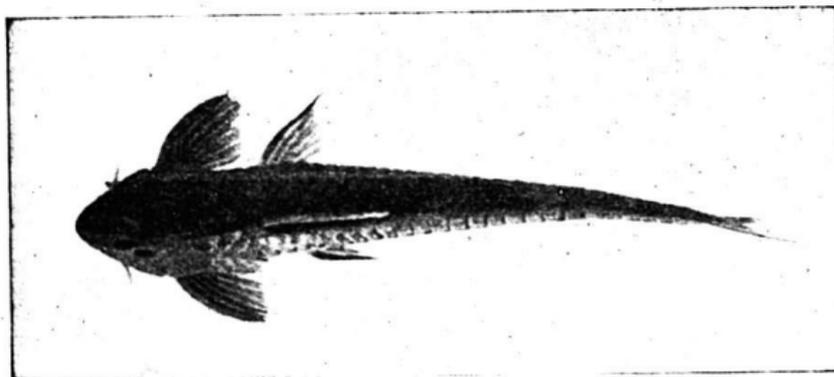


Foto n.º 2 — CASCUDO — *Pterygoplichtis aniziti*
Eig. & Kenedy. — C. total: 0,320 m.



Foro n.º 3 — ACARÍ — *Sturisoma rostrata* Spix. — C. total: 0,240 m.



Foro n.º 4 — ACARÍ — *Loricaria cataphracta* Lin. — C. total: 0,185 m

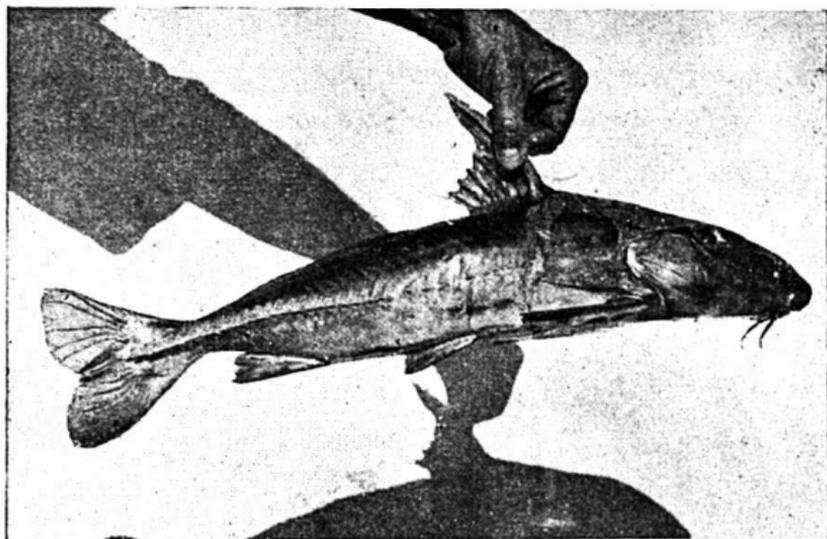


Foto n.º 5 — ARMÃO — *Oxydoras kneri* Bleek.

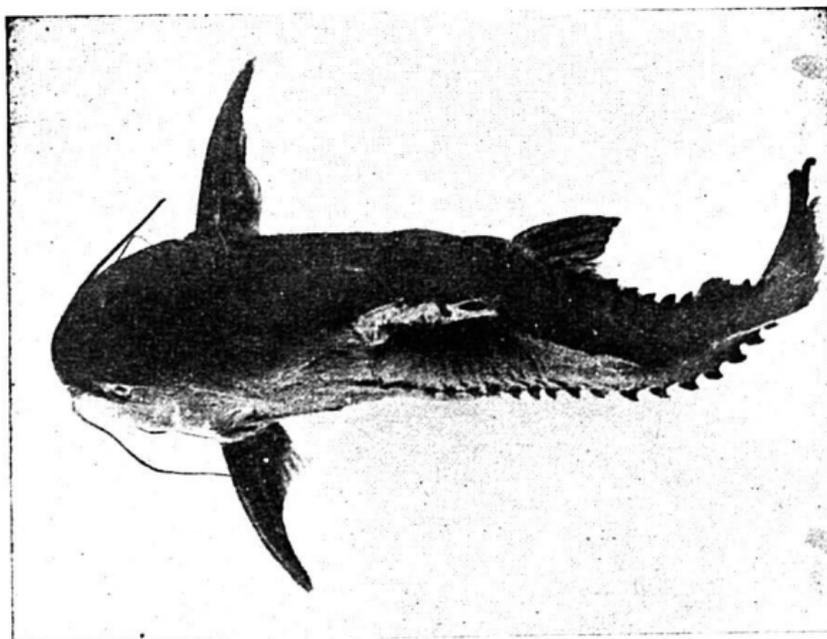


Foto n.º 6 — ARMÃO — *Doras* sp. — Comprimento total: 0,435 m —
Pêso: 500 gramas.

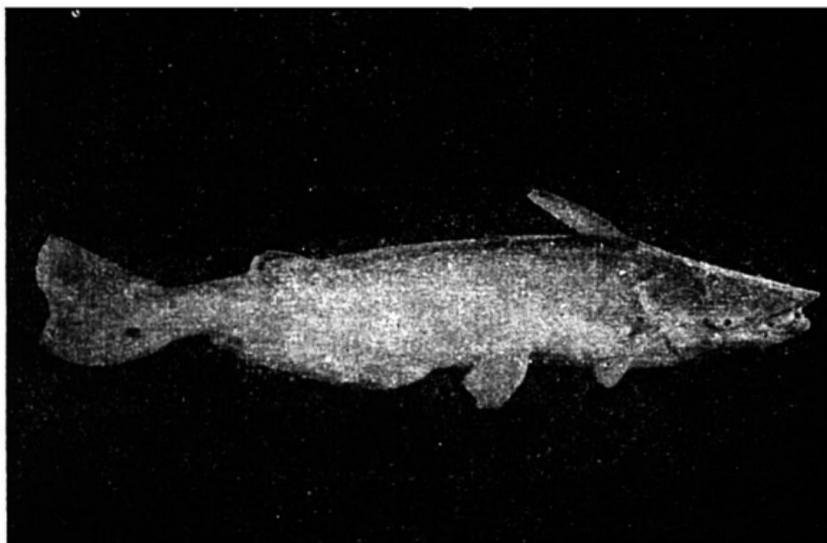


Foto n.º 7 — PEIXE PALMITO — *Auchenipterus* sp.

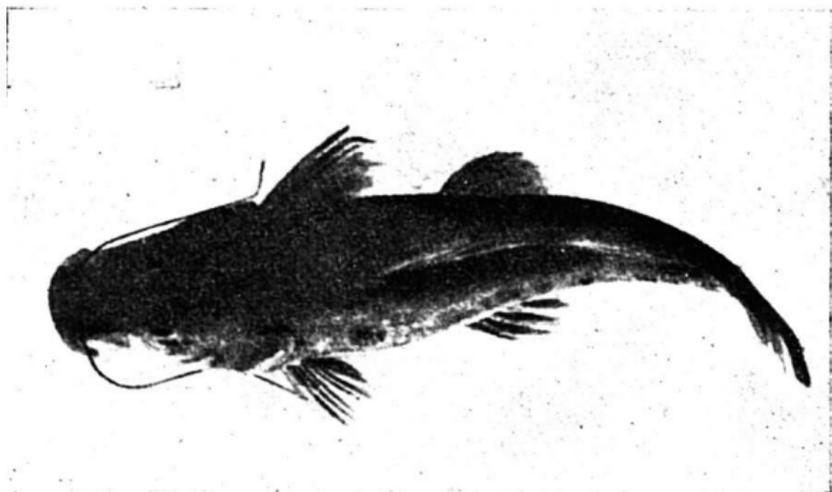


Foto n.º 8 — JURUPOCA — *Hemisorubim platyrhynchus*
Cuv. & Val. — C. total: 0,365 m.

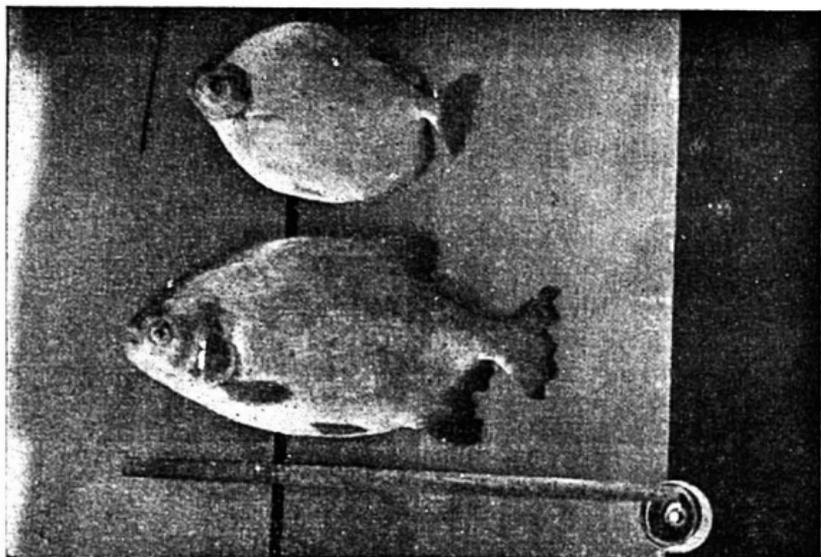


Foto n.º 9 — PACU-PEVA — *Mylcus sp.*, e PACU *Mylcus sp.*
Pacu-peva — Comprimento total: 0,210 m — Pêso: 255 g.
Pacu — Comprimento total: 0,400 m — Pêso: 800 g.

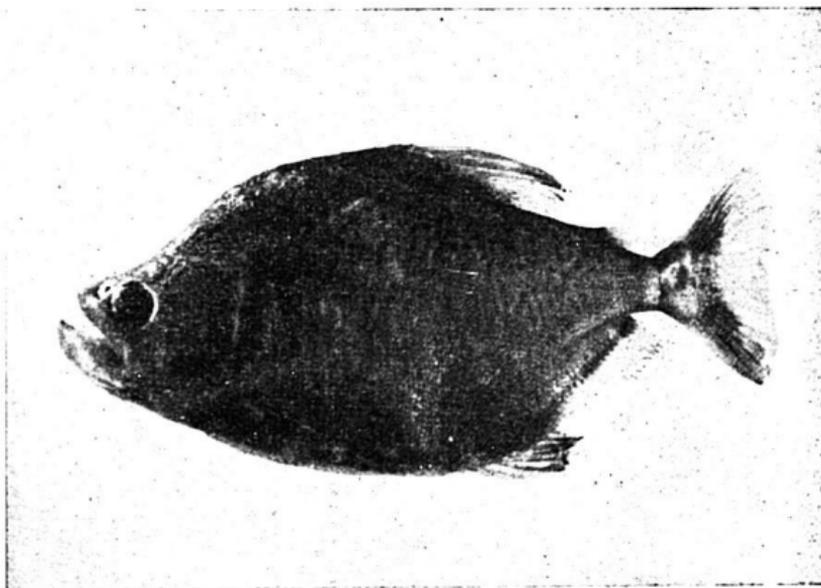


Foto n.º 10 — PIRANHA CATARINA — *Serrasalmus sp.* —
Comprimento total: 0,145 m.

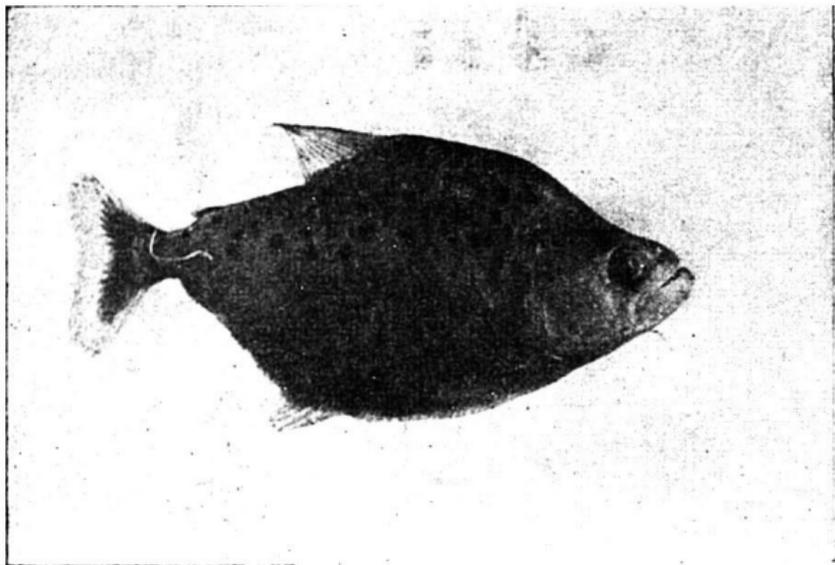


Foto n.º 11 — PIRANHA CATARINA — *Serrasalmus* sp.

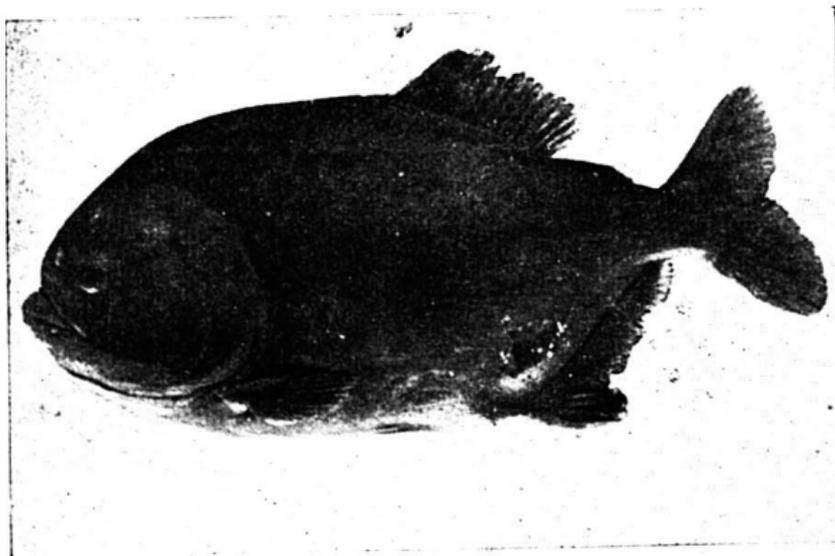


Foto n.º 12 — PIRANHA *Serrasalmus* sp. — C. total 0,280 m

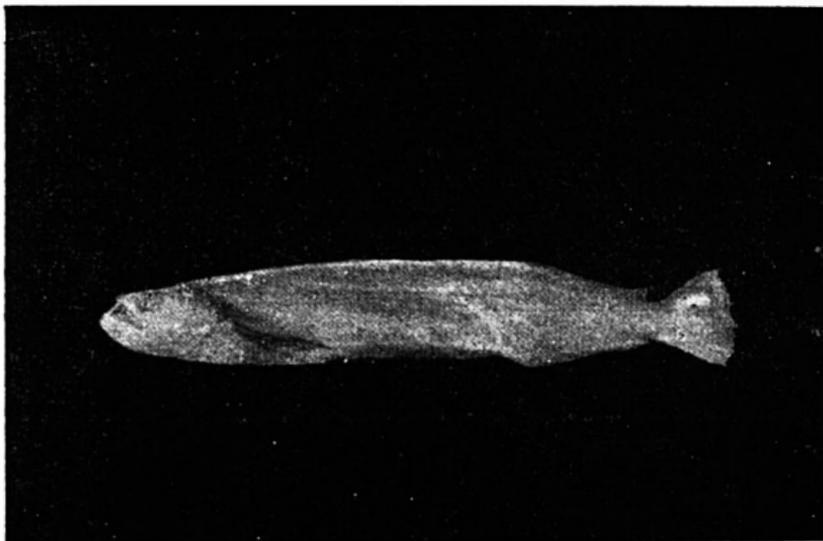


Foto n.º 13 — PEIXE CACHORRO — Subfamília *Cynodontinae*
Comprimento total: 0,675 m.

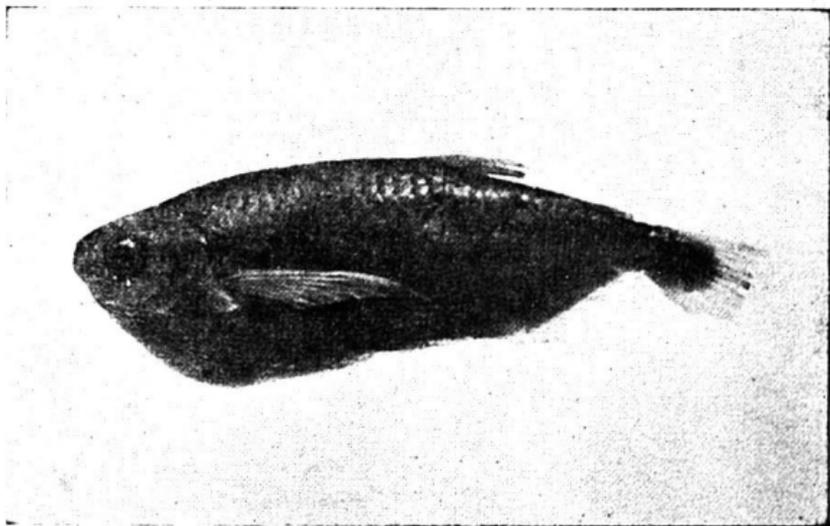


Foto n.º 14 — SARDINHA — *Triportheus angulatus* Spix. —
Comprimento total: 0,180 m.

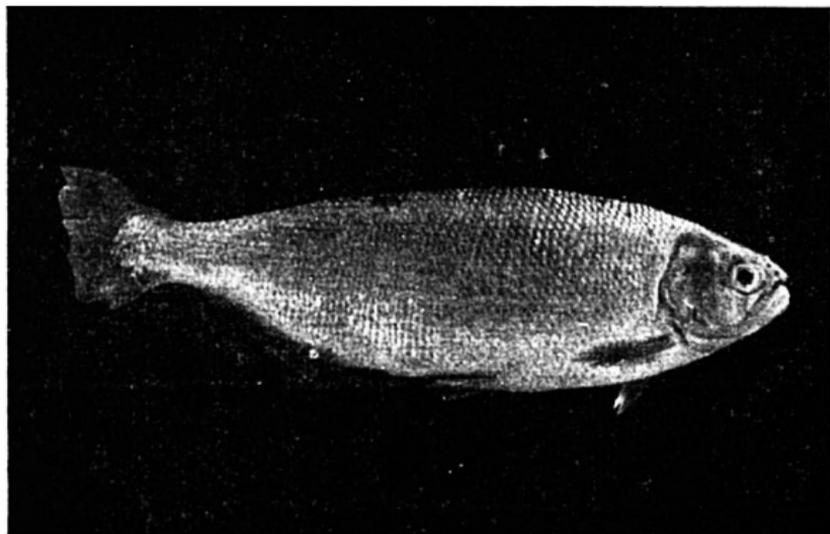


Foto n.º 15 — PIRAPUTANGA — *Brycon hilarii* Val.
Comprimento total: 0,865 m — Pêso: 700 gramas.

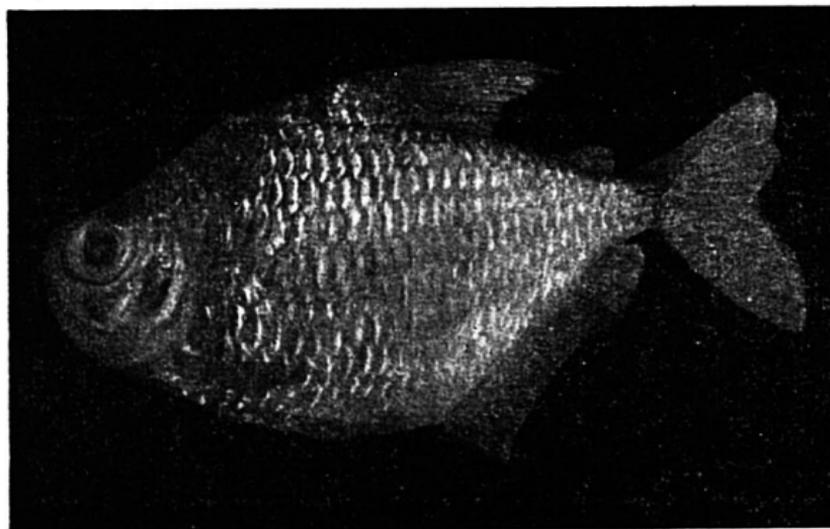


Foto n.º 16 — SUAÚ — *Tetragonopterus argenteus* Cuvier.

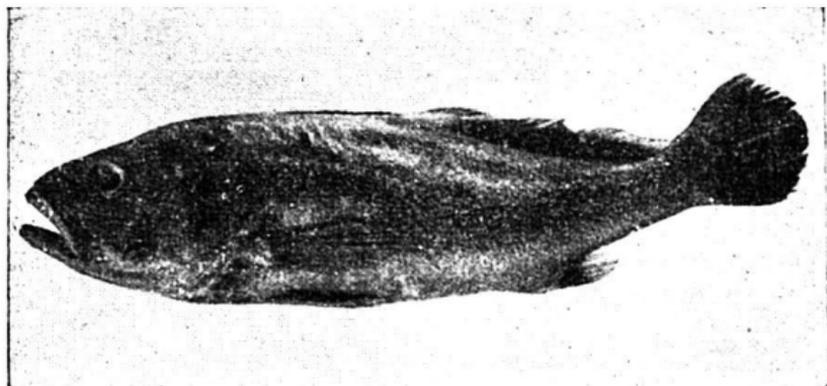


Foto n.º 17 — PESCADA — *Plagioscion sp.* — C. total: 0,350 m.

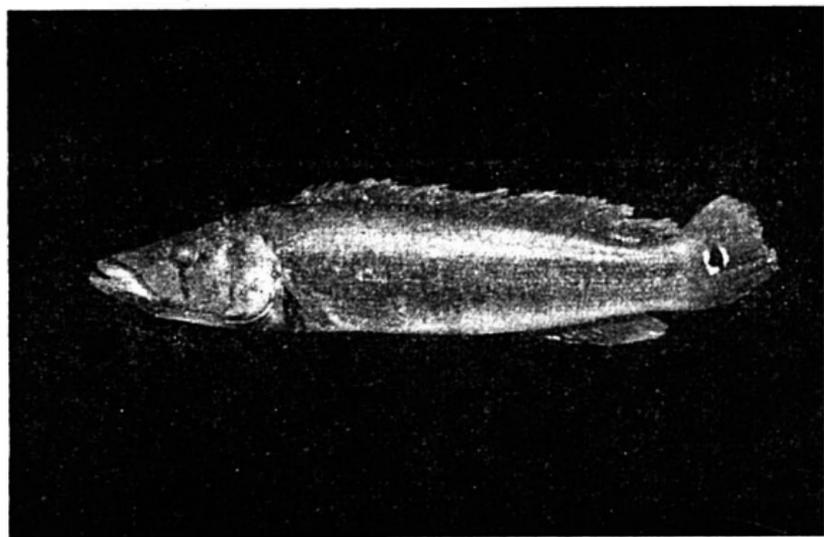


Foto n.º 18 — JOANA GUENSA — *Crenicichla sp.*



Foto n.º 19 — O autor encontrou estas duas gralhas do sexo masculino no solo, exaustas, em luta ferrenha em disputa da companheira que se encontrava próximo.



Foto n.º 20 — TATÚ CURECHO (*Tolypterus mataco*) Desmarest, em atitude de defesa.

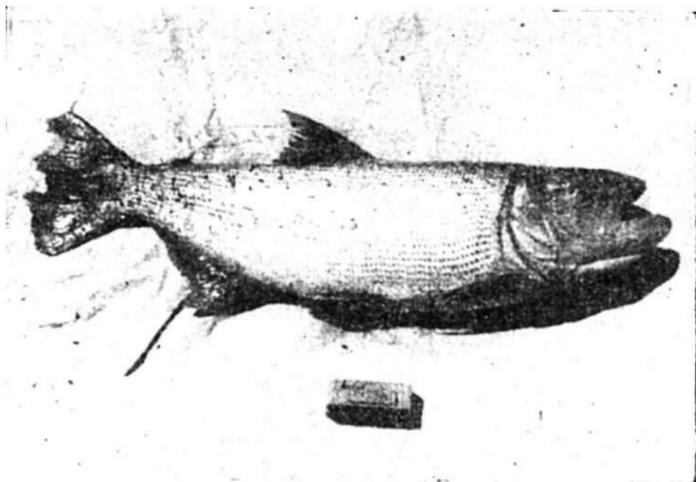


Foto n.º 21 — DOURADO (*Salminus maxillosus*) considerado de valor alimentício secundário no Rio Paraguai.

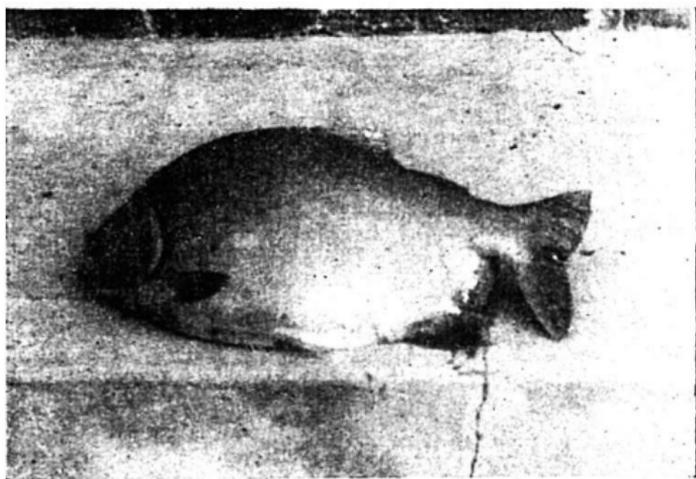


Foto n.º 22 — PACU (*Myleus* sp.) considerado o melhor peixe da região.



Foto n.º 23 — JAÚ (*Paulicea lütkeni*) o peixe de maior porte da Bacia do Paraguai. Atinge o peso de 100 quilos.

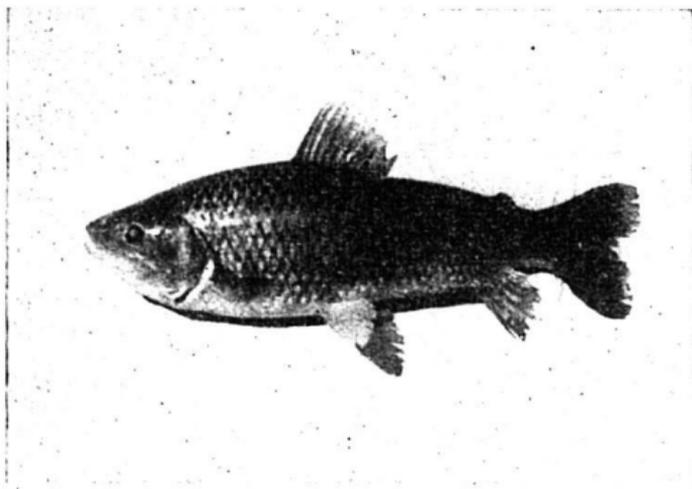


Foto n.º 24 — PIABUSSÚ (*Leporinus* sp.).

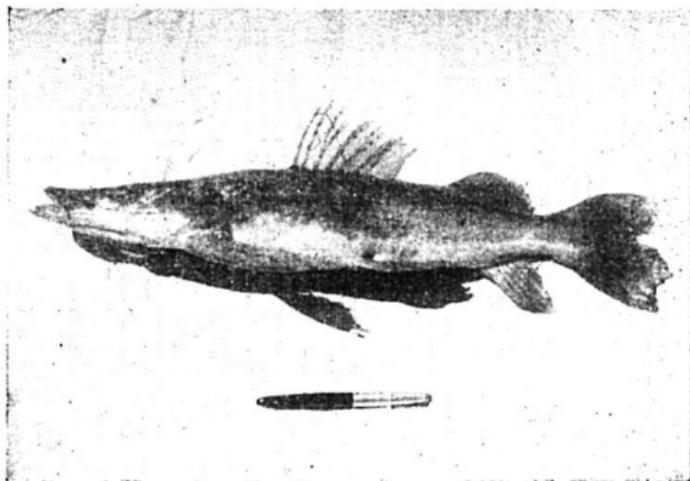


Foto s.^o 25 — JURUPÓCA (*Hemisorubim platyrhynchus*)
Cuvier & Val.



Foro n.º 26 — Caçador típico do Pantanal.



Foro n.º 27 — Confortável residência da Narqueada do Descalvados, sede da antiga Brasilândia.



Foro n.º 28 — Caçadores do Pantanal, cercados dos cachorros onceiros, transportando tres onças pintadas na garupa dos animais.



Foro n.º 29 — Ninhos do periquito (*Myopsitta m. monachus* (Bod)) construídos em sistema de colônias.



Foro n.º 30 — “Baía” no Município de Cáceres, moradia dos jacaré e aves aquáticas.

Foro n.º 31 — Paizagem típica do Pantanal: garças, tuiúus e colhereiros fartando-se de peixinhos e moluscos em um curixo na ocasião da vazante.

